EGITO X APOCALIPSE, UMA VISÃO



Welington Corporation

INTRODUÇÃO

Para tentar ver o invisível eu necessito da imaginação das gentes. Dos sonhos dos povos. Minha teologia é baseada na contribuição das tribos, raças e povos, e de suas culturas para completar a visão judaico-grega das Escrituras. E a minha também.

Há uma acusação de **plágio** da religião egípcia dos críticos das Escrituras, quando não de ser ela obra inspirada nos mistérios egípcios, uma versão, uma adaptação de significados que gera uma nova religião, tendo em vista o uso de muitos elementos que estavam presentes na religião egípcia pelos hebreus, nas formas literárias das Escrituras e até em aspectos da história da Salvação, que agregam muitos conceitos espirituais presentes no antigo Egito. E fortalecendo a tese dos estudiosos temos dezenas de RITUAIS católicos que refletem com perfeição as histórias e até liturgias do antigo Egito.

Em primeiro lugar, Jesus não é católico e nem protestante, não é ortodoxo e nem pentecostal. Não tem culpa do que fizeram com seu evangelho, ou do que fazem com ele. Várias tradições mágicas incorporadas nas liturgias de igrejas seculares são fruto de *besteirol*, de heresia, de religiosidade burra. Essa releitura do bizarro, cujas águas desaguam na foz do sincretismo religioso é de natureza egípcia. O sincretismo religioso, fusão, transformação, mudança de ritos e deuses, incorporando até elementos de outras religiões é quase que patente registrada da religião egípcia.

Em segundo lugar, as Escrituras desde Genesis, são a fonte das tradições sobre criação mais antigas, anterior a todas as civilizações, incluindo a egípcia. Se alguém se inspirou em alguém, são os mitos da Criação dos egípcios e sumérios e indianos que bebem da fonte que jorra de Genesis.

Em terceiro lugar, a revelação das Escrituras não é de caráter particular, nem temporal. Ela não foi escrita para o judeu ou para o grego e sim para a toda a humanidade de todas as épocas. Ela é riquíssima em tradições espirituais de TODOS OS POVOS, em especial dos egípcios, cuja civilização teve a oportunidade de acompanhar de perto o desenvolvimento das Escrituras, a manifestação dos profetas e o impressionante tabernáculo, em atos religiosos **que poderia faze-los REPENSAR todo o escopo de suas crenças**. Porque nelas, nas liturgias do sacerdócio levita, na pedagogia dos milagres e profecias dos profetas, seu mundo mágico de adoração a morte ficava desnudado. A nação politeísta foi tocada de modo profundo. Israel carrega uma vocação monoteísta clara, desde sua escravidão no Egito. A revolução de Aquenáton, o faraó que acabou com 2 mil deuses e instaurou o monoteísmo no Egito, só aconteceu centenas de anos após a saída de Israel do Egito. Não foi o Egito que influenciou a Israel. É o orgulho dos egiptologistas que não compreendem a PROFUNDIDADE do cataclisma que conduziu um faraó a mudar sua própria religião, MILENAR.

E em quarto lugar, o evangelho foi escrito para que todas as religiões cujo misticismo herdou sua essência do esoterismo, da mágica, do ritualismo e da mítica egípcia, enxergassem sua imperfeição, e que todos os mistérios são uma sombra vaga, uma leitura ruim, indefinida, esfumaçada, da maravilhosíssima e abrangente pessoa de Cristo. Porque a pessoa de Cristo TRANSCENDE e ilumina significados, dá sentido ao mistério, que não se cumpre na ficção mágica. É simplesmente DESLUMBRANTE o ministério, os atos, os gestos, o ensino e a profecia de Cristo, ao vermos como REVERBERAM na religião, nas artes, na cultura egípcia.

Posso AFIRMAR em número, grau e gênero que a PESSOA DE JESUS a única chave capaz de abrir os mistérios da religião do Egito. Pelo fato de desconhecerem, tanto a pessoa de Cristo como a profundidade do Evangelho, os egiptólogos deixam de perceber a realidade espiritual que inspira a TEOLOGIA egípcia. E que está ESCONDIDA dentro de sua linguagem sacerdotal, **a língua sagrada**, leia-se, hieróglifos.

Enfim,

este estudo tem o intuito de esclarecer *algumas partes do livro de Apocalipse*, usando como base a cultura e a religião egípcia. Tal percepção não destrava todas as portas dos mistérios contidos na revelação profética de Jesus, porém serve de grande auxílio. Este estudo *da profecia* contida em Apocalipse se baseia numa outra profecia:

Do Egito chamei meu Filho

Salmo 136

11 libertou Israel do meio deles, porque seu amor é para sempre,

12 com mão forte e braço estendido, porque seu amor é para sempre.

Essa palavra profética define, melhor que muitas, ao livro de Apocalipse.

Tudo que acontecerá no tempo do fim é relacionado a retirar do mundo, através de prodígios e maravilhas, ao povo que escolheu para o adorar para sempre no lugar que determinou. O arrebatamento é o cumprimento final, da profecia que se inicia em Israel, se complementa em Jesus e que finaliza na Igreja. É num contexto de *humilhação dos poderes espirituais invisíveis* e juízo dos poderes religiosos e políticos, contexto onde Deus REINA, onde ele ORDENA, onde ele age com SOBERANIA, sobre os governos do mundo. Quando contraria e contradiz a ORDEM MUNDIAL estabelecida, contrária a Nova LEI que determinou no Sermão do Monte (que aperfeiçoa o que foi entregue no monte Sinai). A Constituição do Reino Divino, as leis que foram anunciadas por Cristo em Mateus. O Apocalipse é Deus dizendo não. E fazendo prevalecer seu não. Não ao assassinato, não ao roubo, não a mentira, não a prostituição, a exploração humana, ao sistema financeiro corrompido, não a avareza humana, não ao

homossexualismo, não ao tráfico de drogas, não a liberdade humana concedida e perdida por amar o mal e rejeitar continuamente ao bem.

Todos os governos do mundo receberão um basta, nas ações que são contrárias aos princípios estabelecidos pelo Evangelho de Cristo. Os reinos deste mundo serão submetidos ao Reino que foi anunciado pelo próprio Rei.

E para entendermos a profundidade do Apocalipse, devemos compreender que muitos dos símbolos nele contidos, farão lembrança as crenças fundamentais e a cultura do Antigo Egito.

Zacarías 10

11	Passarão **o mar de angústia, as ondas do mar serão feridas**, e todas as **profundezas do Nilo se secarão**; então, será derribada a soberba da Assíria, e o **cetro do Egito se retirará**.

Judas 1

5	Quero, pois, lembrar-vos, embora já estejais cientes de tudo uma vez por todas, que o Senhor, tendo libertado um povo, tirando-o da terra do **Egito**, destruiu, depois, os que não creram;

Apocalipse 11

8	e o seu cadáver ficará estirado na praça da grande cidade que, espiritualmente, se chama Sodoma e **Egito**, onde também o seu Senhor foi crucificado

Apocalipse 11

15	O sétimo anjo tocou a trombeta, e houve no céu grandes vozes, dizendo: O reino do **mundo** se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos.

O mundo moderno e sua religiosidade, cultura, e sociedade tem uma indiscutível herança greco-romana. O homem moderno pensa e comercia como os gregos, agindo de modo jurídico, político e militarmente como os romanos. Mas culturalmente e em especial, religiosamente, ele é **essencialmente egípcio. Num nível inimaginável.**

O Egito então TIPIFICA, representa, ao "mundo", esse "cosmos" que é o mundo humano somado ao universo físico, manchado pelo pecado. Na maior parte do tempo a palavra "cosmos" é traduzida para designar "o mundo" no Novo Testamento. A palavra "cosmos" vem de "ordenação" ou "ordenado", ou ORDEM.

O grego via a harmonia das coisas em contraste com a desordem, a desarmonia ou o CAOS. O caos era um conceito que os gregos HERDARAM dos egípcios. E que os egípcios, os hindus, os caldeus, os sumérios e vários povos que já não existem mais, herdaram das narrativas de Babel. Para os egípcios o princípio do universo se dava num mar primordial, num mar cósmico, sem vida, imerso na

escuridão. Nun, ou Nu, são as águas abismais ou primordiais, o oceano universal que deu origem a todas as coisas, segundo a mitologia Egípcia, que representava bem ao Caos. Os céus egípcios também adquiriam a capacidade aquática. Os céus eram como um imenso mar, onde os deuses usavam barcos celestiais para NAVEGAREM. Essa imagem permanece na ficção cientifica até hoje, nas "naves" espaciais, nos cargos das "tripulações" das naves famosas nos filmes, tais como a Interprise de Star Treck (Jornada nas Estrelas).

O Livro de Apocalipse vai fazer algo extraordinário. Na época que o apóstolo João teve a visão na ilha de Patmos, os hierógrifos já estavam extintos, assim como quase que totalidade da religião egípcia.

Egípcio arcaico (antes de 2600 a.C., a língua do Período Arcaico)

Egípcio antigo (2600 a.C. – 2000 a.C., língua do Império Antigo)

Egípcio médio (2000 a.C. – 1300 a.C., do Império Médio até a XVIII dinastia egípcia: continuou em uso como língua literária até o século IV d.C.)

Egípcio tardio (1300 a.C. – 700 a.C., da XVIII dinastia egípcia até o Terceiro Período Intermediário)

Demótico (século XII a.C. - século X d.C., da Época Baixa até o período romano)

Copta (século IV d.C. – século XIV d.C., do período romano até a Idade Moderna)

João era judeu, desde sua juventude fora evangelista, e fora dos símbolos que VIU na visão de Apocalipse, não teria como ter contato com a antiga religião egípcia. O mundo faraônico não existia mais. Após os domínios babilônicos, persas, gregos e romanos, o que restou era um vestígio das antigas religiões. O conhecimento da escrita hieróglifa, já não existia mais.

O livro de Apocalipse vai de encontro a um impressionante mistério. Ele usa figuras que João desconhece, mas que são REPLETAS DE REFERENCIAS a aspectos da religião egípcia, que neste momento está COBERTA DE AREIA enterrada em túmulos e pirâmides, cujos mistérios só começarão a ser revelados com o surgimento da arqueologia e o desvendamento da língua egípcia arcaica. João está escrevendo sob a luz da cultura grego-romana. Suas cartas são endereçadas a igrejas asiáticas dentro do império romano.

Significa que quem lhe concedeu a revelação conhecia de modo profundo e intimo a antiga religião Egípcia. Mas, para possuir tal conhecimento, conforme você lerá nas páginas deste estudo, esta *testemunha* que lhe concedeu a visão teria que estar vivo, a mais de mil anos.

Graças a Deus, pela imortalidade...de Jesus...

5	e da parte de Jesus Cristo, **a Fiel Testemunha**, o Primogênito dos mortos e o Soberano dos reis da terra. Àquele que nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados,

Jesus será tudo aquilo que nenhum faraó jamais alcançaria. **Realizará todos os feitos imaginários e realizará literalmente todos os atos mágicos, míticos e religiosos imputados aso faraós da antiguidade**. Os faraós ansiavam a eternidade mais que outra coisa qualquer. E ele ressuscitaria com ajuda de outros por meio de rituais mágicos para encontrar-se com um juízo divino no qual mentiria desesperadamente, para conseguir o direito de um dia se tornar uma estrela na vastidão celestial. A preservação do corpo pela mumificação era parte preciosa do processo, pois sem o corpo ele não poderia acordar no reino do além. O coração do faraó era substituído por um escaravelho-coração, um amuleto, para evitar que seu próprio coração se levantasse, revoltado contra ele, o contradizendo diante do tribunal de Osíris. Jesus não necessita de substituir seu coração por nada, pois seu espírito é perfeito. Não necessitava de aprovação de ninguém porque já tinha alcançado a perfeição espiritual e a aprovação divina ainda no início de seu ministério quando a voz divina declara: este é meu filho amado, a ele escutei". O faraó assumia uma identidade divina que jamais possuiu, acrescia nomes das divindades tutelares para exaltar sua pessoa, para ratificar sua ascendência divina, falsa, enquanto Jesus trazia desde nascimento a grandeza e a honra divina, a verdadeira natureza da divindade, porque o verbo se fizera carne, e habitava entre nós. Os atos de faraó representavam domínio sobre a natureza e o caos, **repetia rituais todos os anos como se por sua causa exclusiva o Nilo produzisse as cheias**, em celebrações de auto-glorificação como se dominasse sobre o caos como Deus. **Contudo é Jesus que ordena: Mar, aquieta-te! Vento, cala-te!"** e estes lhe obedecem. **Jesus demonstrou em vida o poder representado de modo fictício, mítico e teatral por faraó**, personificando em verdade aquilo que era somente uma ilusão de grandeza egípcia. Os atos de faraó o tornavam escravo de sua religião, pois já que não possuía a perfeição moral ou espiritual a representava através de atos cerimoniais. **A religião transformou em alegoria o que para ela era impossível realizar, o aperfeiçoamento do espírito humano**. Os cerimoniais realizados meticulosamente, concediam aos seus realizadores a aceitação divina. Vários reis da antiguidade eram vigiados de dia e de noite, seus atos eram representativos, suas roupas possuíam cores e padrões imutáveis, seus passos eram contados, suas palavras e a atos controlados por sacerdotes. Faraó significava palácio. E ele era na verdade um escravo de sua própria condição e casa. Era um prisioneiro do palácio. Jesus também teria **seus atos medidos, não pela religião, mas pelo Espírito de Deus**. Cada palavra, cada gesto era fruto de uma antiga profecia, suas palavras não eram mantras ou escritos de livros mágicos, mas provinham do próprio Deus. Não havia um script escrito, **mas cada ato e palavra eram cheios de significados e refletiam uma solenidade tremenda porque o evangelho na boca de Cristo mudava o universo inteiro**. O faraó imaginava poder controlar poderes espirituais, **mas foi Jesus que manifestou na terra a verdadeira**

Autoridade sobre os espíritos. O faraó e a religião egípcia ansiavam a possibilidade de voltar a viver espiritualmente dentro do reino dos mortos através de artes mágicas e rituais que poderiam despertar o morto no outro mundo. Mumificado o faraó dependia da intervenção de um filho que lhe abrisse a boca por meio de um instrumento para ter voz, para abrir seus olhos no mundo espiritual. Para isso não poderia perder seus ossos, não poderia reviver, ainda que num universo paralelo, sem a intervenção mágica e humana. O cerimonial da abertura da boca na terra, dentro do túmulo que era a pirâmide, deitado e amarrado no sarcófago era a possibilidade de retornar a viver, mesmo que uma outra vida**. Jesus não teve seus ossos tocados. Não teve um cerimonial de enterro. E não necessitou que abrissem sua boca para ter voz em outro mundo**. Porque ele mesmo abriu sua boca no meio do mundo humano, e proclamou segredos inauditos de um lugar celestial. E não necessitou que houvesse intervenção humana em sua morte, pois acima de tudo que uma religião ou mago egípcio poderia esperar, **ele voltou por seu próprio poder do reino dos mortos ao terceiro dia**. E voltou de um modo tão definitivo que a morte nunca mais poderá tocá-lo. Quando Jesus pede peixe e come após sua ressurreição, quando lhe dão um favo de mel e ceia na frente de seus discípulos vai de encontro a aspiração de uma vida no além na qual os egípcios, nos campos elíseos poderiam voltar a respirar e a comer.

Faraó é tido como o grande guerreiro, nos túmulos estão exaltadas para sua memória as grandiosas batalhas. Suas derrotas, porém, não são nomeadas. Jesus então também vencerá. Vencerá a maior guerra de todas, a da salvação humana, contra o pior inimigo de todos, o reino das trevas e até mesmo a própria morte será vencida no dia de sua ressurreição. Os faraós necessitavam de feitiços, conjurações e mágicas para proteção de suas almas. Eles criam no poder mágico da Palavra. Imaginavam o poder criador da palavra de seus deuses. A palavra de Jesus é o que basta, não necessitando de feitiços pois ele mesmo é a fonte de todo o poder, sendo ele UNGIDO, tem autoridade sobre poderes, sobre enfermidades e sobre todas as coisas. Os antigos egípcios imaginavam que se conhecessem os nomes secretos de suas divindades, coisa que só determinados sacerdócios ou deidades tinham acesso, poderiam controlar os deuses. Em Apocalipse é Jesus que declara que por sua própria vontade e como recompensa manifestaria algo que até este momento não sabíamos da existência, um nome que ele possui e não temos ciência. **Jesus declara a si mesmo como portador de um nome secreto, a similaridade das deidades do Egito**. Mas, **seu nome público é suficiente** para manifestar toda sua autoridade. Os faraós colocavam o nome de suas divindades em seus nomes, para enaltecerem a si mesmos, para legitimarem-se como divinos, como parentes da divindade tutelar vigente.

O que a religião egípcia representava como anseio humano, é concedido gratuitamente á Igreja de Cristo por vontade de Deus.

O Nilo era a fonte da vida para o Egito, Cristo é a fonte da vida para o mundo inteiro, e a partir dele, da fé nele, rios de água viva fluem do interior de quem nele crê. Seu poder nos faz Nilos.

Os egípcios chamavam seus hieróglifos de "palavras de Deus" e reservavam o seu uso para fins de exaltá-los, como se comunicar com divindades e os espíritos dos mortos por meio de textos funerários. Cada palavra hieroglífica representava um objeto específico e encarnava a essência do objeto, reconhecendo-o como divinamente feito e pertencente dentro do grande cosmos. Através de atos de ritual sacerdotal, como a queima de incenso, o sacerdote autorizava que espíritos e divindades lessem os hieróglifos decorados nas superfícies dos templos. Em textos funerários do início e após a XII dinastia, os egípcios acreditavam que desfigurar, e até mesmo omitir certos hieróglifos, trazia consequências, boas ou más, para o ocupante falecido de um túmulo cujo espírito contava com os textos como uma fonte de alimento na vida após a morte. Mutilando o hieróglifo de uma cobra venenosa, ou outro animal perigoso, removia-se uma ameaça potencial. No entanto, a remoção de todas as instâncias dos hieróglifos que representam o nome de uma pessoa falecida privaria a alma dele ou dela da capacidade de ler os textos funerários e condená-la a uma existência inanimada.

Jesus nos manifestará a palavra da vida. Sua palavra é espírito e Vida, sua palavra é aquela que VIVIFICA o ser humano porque suas palavras são verdadeiramente revelação divina, são palavras do próprio Deus Vivo. Porém os paralelos com as Escrituras são muito mais abundantes do que uma primeira leitura pode revelar. ***Jesus é como um hierógrifo que sai de uma parede***, ele é a representação mais perfeita da divindade tanto que é denominado em Apocalipse de "a Palavra de Deus". Os discípulos dizem que suas mãos tocaram na "Palavra da Vida".

I Jo 1. 2 O QUE era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e o que nossas mãos tocaram da Palavra da vida, 2 (Porque a vida foi manifestada, e nós a vimos, e testificamos dela, e vos anunciamos a vida eterna, que estava com o Pai, e nos foi manifestada).

A mágica do Egito, fruto da ficção religiosa, do misticismo e da revelação de entidades espirituais, se baseava na "escrita mágica". Os hierógrifos não tinham somente o caráter linguístico, embora também fossem usados de modo secular, como uma língua moderna. Sua origem é sacerdotal, sua essência a magia, seu caráter religioso, sua função ritualística, sua razão maior de ser, a comunicação com o mundo do além, sua finalidade a proteção, ou a maldição. O Egito profetizava pela escrita faraônica, ou pelos hierógrifos.

Quando Jesus anuncia a essência verdadeira da Palavra divina, vai confrontar todos os conceitos filosóficos, mágicos e espirituais contidos nos hierógrifos.

Confronta sua transitoriedade com a eternidade da palavra de Deus, que é sobretudo, SUA PALAVRA:

"*O céu* e a *terra passarão*, mas as minhas palavras jamais *passarão*"

O egípcio imagina que ter seu nome apagado da parede de um túmulo o destina ao nada, a desintegração.

Essa função pertence a escrita sagrada de um livro muito superior a da sabedoria egípcia, o livro da VIDA, cujo poder de escrever ou apagar mais uma vez é delegado ao Senhor Jesus:

O vencedor será igualmente vestido de branco. **Jamais apagarei o seu nome do livro da vida, mas o reconhecerei diante do meu Pai** e dos seus anjos. Apocalipse 3:5

O egípcio imaginava oferecer, em parte, como oferenda ou alimento, as palavras tumulares, os textos das pirâmides e dos sarcófagos como arte mágica para alimentar, sustentar ou evitar o retorno em forma maligna de um morto.

Jesus confronta tal pensamento quando afirma que:

Disse Jesus: "A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou e concluir a sua obra.

João 4:34

Pois a minha carne é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida. João 6:55

Um morto egípcio necessitava sustento de palavras mágicas para continuar sendo sustentado na caminhada no mundo do além. Tanto os vivos como os mortos egípcios necessitavam de uma cobertura de palavras mágicas, feitiços, conjurações, maldições, encantamentos para serem protegido dos poderes de espíritos malignos e da ira das suas próprias divindades inconstantes. O favor de Hathor hoje poderia ser a desgraça do amanhecer. A graça de Isis transformada numa tempestade de dor.

Jesus é um mix, concentra em si o fato de ser o autor, o escritor, a divindade, a oferta, a manifestação viva da VERDADEIRA palavra escrita de Deus, sendo ele o cumprimento das profecias antigas, sendo ele mesmo alimento espiritual para todos os que nele creem. Sendo ele mesmo uma manifestação incondicional e perene de Favor divino imutável. Sendo ele mesmo um ato mágico e profético que anula todas as maldições.

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais em Cristo.

Efésios 1:3

O faraó, desde que confundem seu cargo com o palácio em que morava (faraó era o nome antigo do palácio onde morava o regente do antigo Egito), **é um escravo de suas tradições, preso a uma infinidade de rituais**. Ele é uma espécie de deus-homem, e seu **papel é dar ordem na ordem das coisas**. O cosmos, por assim dizer, **depende de seus atos**. O Nilo, feito das lágrimas de

Isís/Ashet, era convocado nas cheias que nutriam os campos de trigo, arroz e cevada *através de um rito anual presidido pelo faraó*. O mundo egípcio dependia, literalmente, dele. Porém o faraó era somente humano. Como tal se apaixonava, como tal padecia e tinha um medo monstruoso da morte e do amanhã. Mais **propriamente do amanhã** do que da morte. A honra buscada pelos gregos que queriam ser imortalizados em poemas homéricos talvez fosse só uma sombra da preocupação em manter o nome vivo contra as águas do esquecimento, ter uma imagem que permanecesse na história, até para que ele, depois de morto, ter a possibilidade de continuar sua história. Os túmulos elevados a quintessência do descalabro, de gigantismo inédito e que inspirou outros tantos mausoléus pelo mundo afora, tinham uma função escatológica, **eram memorial para choro eterno**, deviam servir de futuros templos para os novos deuses, que seriam os faraós transformados em estrelas no azul de Nut, deusa que representava a noite e os céus estrelados, a constelação feito "gente" da antiguidade. Mais do que um Pop Star da atualidade, ser estrela a brilhar nos céus, era **uma meta** que exigia um célebre esforço pós-morte, além da ajuda de uma carpideira eterna, ou que durasse o suficiente para que o recém, chegado aos Campos Elíseos egípcios pudessem ser julgados e se possível absolvidos no tribunal de Osíris. Era por isso que **havia tanto feitiço escrito nas paredes dos túmulos**, e a razão do choro incessante de um grupo original – o das carpideiras – profissão que nasce justamente no Egito.

Quando Jacó morre há certamente uma ciumeira incontinenti no coração da família real egípcia. O choro pela morte de Jacó é de tal monta que se tornou célebre. É um momento de dor que deixou para sempre na imaginação dos futuros regentes das duas terras aquilo que se devia esperar pela morte de um representante divino.

Como dito antes, o mais poderoso dos homens, temia a morte, o esquecimento, a morte depois da morte, a SEGUNDA MORTE, que seria quando deixaria finalmente de existir. Era tanto desejo de existir que o egípcio contava pelo menos 9 partes que compunham a essência espiritual humana. Não duas e nem três, antes nove. Outro contraponto, talvez não seja sem referência que o Espírito de Deus concede 9 DONS ESPIRITUAIS. Mas, como dito, o faraó se apaixonava. As mulheres egípcias eram de beleza extraordinária, que o diga Marco Aurélio e toda trabalheira para conquistar Cleópatra. A maquiagem nasce ou se firma como arte no Egito. Os corações dos adolescentes egípcios eram romantizados, desde muito jovens. Os templos eram recheados de imagens cujo erotismo era tamanho que uma das declarações que o morto deveria expressar no tribunal da morte é que "não cometi nenhum ato abominável ou vergonhoso dentro do templo dos meus deuses" e que na verdade escondia o fato de que muitos destes adolescentes se masturbaram pela primeira vez em suas vidas diante da iconogravura, erótica ao extremo, do antigo Egito. As histórias das divindades eram de sexo, traição, tragédia e morte, não necessariamente dentro desta ordem, e os cânticos que inspirariam os romances dos Vedas indianos, que hoje são conhecidos de modo modernizados através do cinema de Bollywood, cantavam romances e eram

realizados com ajuda de danças com pouca roupa de sacerdotisas que inventaram passos ousados e acrobáticos, ainda representados nas paredes de templos, e ainda presentes como tradições nas danças do ventre e similares. Diga-se de passagem, que a dança dos sete véus era uma teatralização de um evento que envolvia o "strip-tease de Isis", que em busca de resgatar do reino da morte seu amado Osíris, vai obedecendo às divindades que ordenam que a cada passo se desfaça de uma das partes de suas vestes, que no total somam sete. Não recordo se ainda sobrou ao menos seu colar, ao chegar no fundo do abismo. Esse erotismo exacerbado *ia até mesmo* aos enterros. O que era terrível para alguns, para os jovens, **nem tanto assim**. As antigas carpideiras, normalmente o grupo das mais jovens, realizava sua triste cantoria e a seus atos fúnebres com os seios à mostra.



Fig. 8. Outro grupo de carpideiras: mãos sobre a cabeça, desalinho das vestes, pés descalçados, seios nus, cabelos atados, lágrimas abundantes. Vinheta do Papiro de Ani (BM EA 10470.6), XIX Dinastia.

Ou seja, não é necessário dizer que ao redor do grupo de mulheres chorando, havia sempre um grupo de adolescentes, *chorando mais alto ainda*. Então quando lemos nas Escrituras que um faraó se apaixona por Sara, e que ele a introduz no palácio, não estamos distantes da realidade. O rei se apaixonou pela camponesa. Só que ela era a mulher de um profeta. Essa realidade de folhetim era próxima à de todas as eras. Não é sem razão que a mulher do eunuco e capitão do exército de faraó se aproxima do jovem israelita. A mulher casada vivia envolta num mundo de romance e sensualidade *espiritual*. Se ela era uma sacerdotisa, então conhecia de cor os cânticos de Isís, que um dia inspirariam os de Inaana, Ishitar, Afrodite, e todas as demais. E ainda tinha o fato de ser uma esposa insatisfeita sexualmente. Pelo fato de viver numa sociedade carnal (fato reclamado numa profecia em Ezequiel). José disse não, pela sua posição, pela sua lealdade ao seu senhorio. Por causa do temor divino. Potifar deriva de Ptah, deus da sabedoria egípcio. Após a libertação, ele receberá como esposa a filha de um sacerdote, Potifera. São variações do mesmo nome em egípcio.

"E nasceram a José dois filhos (antes que viesse um ano de fome), que lhe deu Azenate, filha de Potífera, sacerdote de Om"

A esposa de um guerreiro o trai e a filha de um sacerdote o consola.

Seu nome era Azenate. Significa "aquela que salva".

Ainda que considerado de natureza divina, o faraó, por sua natureza humana, estava sujeito à morte. Por isso existia um ritual, originado nos tempos pré-históricos e que perdurou até o Período Ptolomaico (304 a 30 a.C.), cujo objetivo era a de renovar a força do rei. Conhecido como festival Heb-Sed, *ou Festa da cauda, era celebrado, teoricamente, após os trinta primeiros anos de re*inado e a seguir em intervalos variáveis a cada três ou quatro anos. Nessa festividade, dramática e sombria, o rei passava por um sacrifício simbólico e público de morte e depois renascia para assegurar a fertilidade da terra. **Por esse ritual se regenerava a força física e mágica do rei envelhecido**, força com a qual ele poderia ainda, e por mais outro longo período, exercer seu papel de criador, como acontecia quando subiu ao trono. Tratava se de um ritual altamente significativo para os egípcios, como atesta sua representação nos templos funerários reais desde o tempo do faraó Djoser (c 2630 a 2611 a.C.) até o Império Novo (a, 1550 a 1070 a. C.) e o elevado número de tais festas que a tradição nos transmitiu.

Em essência a festa consistia de procissões e cortejos diversos dos quais o faraó e seu séquito participavam, visitando os santuários do país. Os relevos mostram cenas nas quais o soberano, já rejuvenescido, acolhe e recebe as homenagens de delegações vindas de todos os cantos do Egito. Também se executavam determinados ritos que deviam atestar o novo domínio do rei sobre o mundo. Entre eles destacavam-se o lançamento de flechas nas quatro direções do céu e a corrida ritual do rei, paramentado com as insígnias da soberania, rito pelo qual o faraó demonstrava a recuperação da sua força. O faraó já praticara essa maratona durante a cerimônia de sua entronização e agora repetia o exercício. A corrida do rei acontecia num local apropriado, construído ao redor de seus edifícios funerários. Ao público presente era, assim, revelada a força física do rei e sua habilidade para governar usando suas capacidades corporais e mentais. Entre as cenas mais conhecidas dessa festividade estão as do faraó Djoser correndo ao redor de seu complexo mortuário.

Podemos exemplificar a necessidade faraônica da relação de proximidade entre divindade e poder. Nas campanhas do faraó Kamés contra os hicsos (reis pastores vindos da Palestina), o rei egípcio os repeliu conforme as ordens do deus Amon, que era considerado "famoso" por seus conselhos. Outro caso interessante é o da rainha e faraó Hatshepsut (1473 – 1458 a.C.), que imortalizou uma das formas utilizadas para estabelecer a sua legitimidade no trono. Em seu templo mortuário em Deir-el-Bahari, ela ordenou que fosse descrito o seu nascimento divino por desejo do deus Amon. Segundo a história, o deus toma a forma do faraó Tutmés I (seu pai) e faz amor com a rainha Ahmés (sua mãe), concebendo, assim, Hatshepsut de forma divina. Amon-Ra então diz que essa filha de seu corpo será a legítima governante do reino. A experiência de Hatshepsut nos permite dizer que o acesso de mulheres à posição de faraó era possível. Entretanto o cargo tinha caráter masculino, provavelmente em função das práticas mágicas e religiosas que envolviam tal posição

MITOLOGIA EGÍPCIA I

João 9

...5 Durante o tempo em que estiver no mundo, sou a luz do mundo."6 Então, tendo dito essas palavras**, cuspiu no chão e fez barro com saliva**; em seguida ungiu os olhos do cego com aquela mistura. 7E ordenou ao homem: "Vai, lava-te no tanque de Siloé" . O cego foi, lavou-se e voltou vendo.

O evangelho é construído de modo a falar a todos os povos, raças, tribos e nações, de TODAS AS ERAS. Cada gesto de Jesus é segundo a sabedoria multiforme de Deus, que como imortal atento, testemunhou e compreendeu o que eram conceitos mais caros, nevrálgicos, que transmitiam mensagens claras, profundas, às civilizações. Os simbolismos dos atos de Cristo possuem uma excelência gestual inédita, única e ATEMPORAL. Imagine um ser humano imortal que tivesse transitado por todas as civilizações humanas, conhecido pessoas, lugares, usos, costumes. Que além disso, conhecesse ponderações, meditações, que conhecesse anseios, propósitos e o amago de suas crenças, crendices, superstições. Que conhecesse seus sonhos e seus pesadelos, suas esperanças e seus temores. Então você terá a profunda noção do que está detrás das ESCOLHAS do Espírito de Deus, em relação as cenas que nós lemos nos evangelhos e porque elas aconteceram do jeito que Jesus as realizou. Tem "teatro" celestial, tem inspiração cênica, tem caracterizações especificas que trabalharam a "coreografia" intima dos gestos do Senhor. Há rituais nos gestos, símbolos na forma com que Jesus realizou suas maravilhas, há em todos eles PEDAGOGIA de Deus, escondida para alguns e ESCANCARADA para outros. Porque alguns gestos não foram planejados para a nossa geração e nem para a nossa cultura. Eles visavam atingir OUTRO público, de um CERTO modo.

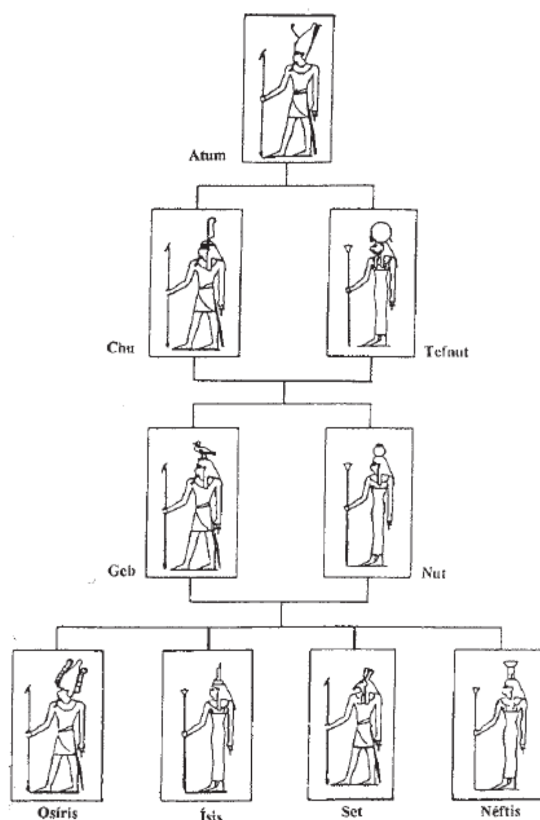
Pedro afirma:

Foi a respeito desta salvação que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça **a vós outros destinada**,	
11	investigando, atentamente, **qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava**, ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo e sobre as glórias que os seguiriam.
12	**A eles foi revelado que, não para si mesmos, mas para vós outros, ministravam as coisas que, agora, vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o evangelho, coisas essas que anjos anelam perscrutar**.

I Pe 1.11-12

Os atos proféticos de Jesus possuem esse caráter de atingir de modo profundo a pessoas de diversos povos, em diversas eras, levando em consideração até mesmo coisas que foram institucionalizadas em sua estratificação social, em sua cultura, em sua religiosidade.

Ilustração de profundidade



A *Pesedjet* de Iunu: presença significativa do critério numérico de base 2 (casais divinos).

Interessante frisar que a profecia bíblica "Faço justiça até a quarta geração..." está indiretamente fazendo referência **as quatro principais gerações de deuses egípcios**, a famosa enéade. Ou seja, o Deus de Israel tinha poder suficiente para vindicar fazer algo hoje que ainda teria reflexo até a quarta geração na família de quem ele realizou o ato. Significava que se *batesse* em Atum, até a *Neftis* teria caído no chão.

Na Cosmogonia egípcia a segunda geração de deuses, Chu e Tefnut. Mas, o inicio de tudo em vários "mitos de criação" dos povos é sempre uma releitura de Genesis 1.

O OCEANO PRIMORDIAL

O Princípio

1 No princípio Deus criou os céus e a terra.

2 Era a terra sem forma e vazia; trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.

Por meio da tradição oral uma antiquíssima revelação foi sendo transmutada na mitologia dos povos da antiguidade. Como os Gregos e Indianos que criam na figura de um oceano primordial, os egípcios deram a este o **significado de início de tudo**. Chamavam-no de NUM, situado em um lugar cósmico, invisível, algo como um gigantesco lago, envolto em escuridão do qual nasceria sua primeira divindade, Atum.

A partir deste oceano primitivo, vai-se originar o deus Atum, que sozinho procria a si mesmo e outras divindades, saindo do estado inerte, era ainda sujeito subjetivo, passando para o estado cinético, vivo; tornando-se sujeito objeto do universo. Deixando de lado uma parte da história, ATUM cuspindo ou escarrando deu a forma dos deuses Shu e Tefnut divindades do ar e da umidade respectivamente.

Shu e Tefnu são nomes que parecem ser onomatopeias egípcias, (palavras que representam sonororidades), do ato de **cuspir** (shu) (tchuu) e **escarrar** (tefnu) (gulturais) (nesta ordem).

No mito de criação humana babilônicos, em Nipur, por exemplo, o deus criador do homem é Enlil. Esse deus modelou-o com as próprias mãos, como faria um oleiro. Em Eridu, a explicação era mais complicada: os deuses multiplicavam-se e começavam a viver irritados por terem de se servir uns aos outros. Namu, que era a mãe de Enki, pensou então fazer alguma coisa para libertar os deuses dessa situação. Pediu ao filho... e os homens foram criados para se encarregarem de prover às **necessidades dos deuses**, criados da **argila amassada com sangue divino.**

Os Onondagas contam a história da criação assim: o grande cacique das pradarias celestiais cansou-se de sua mulher e lançou-a às infinitas águas turvas. Ela pediu ajuda aos animais marinhos para que retirassem o barro do fundo do mar.

Os Maias concebem a criação em 13 etapas. Na primeira, Hunab Ku, o Deus uno, fez-se a si mesmo e criou o céu e a terra. Na décima terceira, tomou terra e água, misturou-os e desse modo foi moldado o primeiro homem.

Segundo a mitologia grega, o Titã Prometeu apanhou um bocado de argila e molhou com um pouco de água de um rio. Com essa matéria fez o homem, à semelhança dos deuses, para que fosse o senhor da Terra. Atena, deusa da sabedoria, insuflou naquela imagem de argila o espírito, o sopro divino.

Entre os Maoris da Nova Zelândia conta-se o seguinte episódio: um certo deus (conhecido pelos nomes de Tu, Tiki e Tané) tomou argila vermelha à margem de um rio, plasmou-a, misturando-lhe o seu próprio sangue, e dela fez uma cópia exata da Divindade; depois, animou-a soprando-lhe na boca e nas narinas; ela então nasceu para a vida e espirrou.

Um mito **chinês** conta que a criação do homem deve-se a Nü Wa, deusa que nasceu na Terra, sozinha no mundo, pegou um pouco de lama amarela na beira do lago, amassou-a e formou uma figura semelhante à sua, mas com tamanho

pequeno e quando a colocou no chão ganhou vida, assim, fez muitas figuras e as chamou de humanos.

Quando Jesus cospe no chão, e mistura com o barro, fazendo lodo, ele evoca diretamente ao mito de criação egípcio, vai em encontro a revelação de Genesis, caminha ao encontro de tradições espirituais ancestrais de centenas de povos.

Para um egípcio em particular o ato de cuspir e passar o lodo no olho do cego de nascença vai em encontro de uma divindade e da humanidade.

"Depois de eu ter vindo à existência como único deus, houve três deuses a seguir a mim. Vim à existência nesta terra, enquanto Shu e Tefnut sentiam prazer onde estavam. Eles trouxeram-me o meu olho com eles. Depois de eu ter juntado os meus membros, chorei sobre eles. Foi assim que vieram à existência os homens, **a partir das lágrimas que saíram do meu olho"**

O texto recua pelo menos até ao Império Médio (2.000 a. C.) quando era inscrito nos ataúdes dos nobres, com a intenção de apresentar o defunto perante o deus-criador Atom, insinuando a ideia de uma nova criação da vida. No manuscrito há uma elaboração literária que joga com duas **palavras remií-lágrimas e romef-humanidade.**

Jesus tem poder de "ressuscitar" um olho morto, ou melhor, um "olho não nascido" porque jamais chegou a enxergar, com o uso de seu cuspe e da autoridade do Espírito de Deus, que é aquele que caminhou sobre o VERDADEIRO OCEANO PRIMORDIAL, num crossover, numa operação de maravilhas, num milagre que evoca lendas, mitos, saberes antigos e orações recitadas por diversos povos. Era de um poder maravilhoso como esse, que foi evocado através da água, do lago, do mar, do sangue e do cuspe misturado ao barro, seja ele vermelho, branco ou amarelo, que eles cantaram por inúmeras gerações. Jesus se revelava divino a luz de suas tradições imemoriais, indo até os antigos mitos que foram EXPORTADOS e adaptados, em novas versões, para diversas civilizações.

O judeu não está compreendendo como ato que parecia INDIGNO diante de sua cultura podia fazer algo tão MARAVILHOSO. Os pais cuspiam no rosto da filha rejeitada, os nobres e príncipes no rosto dos rejeitados, dos execrados. Para o oriental, o que Jesus fazia era quase um xingamento, para um sacerdote judeu tornava ao cuspido impuro.

"Se o homem cuspir em alguém que está puro, este lavará as suas roupas, se banhará com água e ficará impuro até a tarde.

Levítico 15:8

Era o que se fazia com um inimigo

Eles me detestam e se mantêm a distância; não hesitam em cuspir em meu rosto. Jó 30:10

Porque Jesus está fazendo algo onde o Espírito de Deus quer comunicar-se aos egípcios, e a diversas nações. É o sacerdócio UNIVERSAL de Jesus em ação, onde o simbolismo de seus atos atravessa as fronteiras de Israel.

O FIM DO CERIMONIAL DO LUTO

“Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, pois a antiga ordem já passou".

Apocalipse 21:4

Lucas 23

...27 E uma grande multidão seguia a Ele, inclusive muitas mulheres que
choravam e pranteavam em desespero. 28Porém, Jesus, dirigindo-se a elas, as
preveniu: “Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; antes, pranteai, por vós
mesmas e por vossos filhos!29Porquanto eis que estão chegando os dias em que
se dirá: ‘Felizes as estéreis, os ventres que jamais geraram e os seios que nunca amamentaram!

As carpideiras da antiguidade, como apontado em um excelente estudo do egiptólogo José das Candeias Sales no tratado “AS CARPIDEIRAS RITUAIS EGÍPCIAS: ENTRE A EXPRESSÃO DE EMOÇÕES E A ENCENAÇÃO PÚBLICA. A IMPORTÂNCIA DAS LAMENTAÇÕES FÚNEBRES” tinham tripla função:

1) Seu choro convulsivo apontava para o público a perda de um regente querido, que merecia ser dignificado e honrado mesmo após sua morte;
2) Seu lamento fúnebre cerimonial era uma apresentação póstuma às divindades como prova de que o mundo humano perdera uma grande pessoa, que as divindades pudessem ser misericordiosas e aceitá-lo, já que em vida foi muito amado. Era um clamor pela misericórdia futura.
3) E um terceiro e nefasto propósito. Acalmar o morto. Apaziguá-lo, para que não ficasse envergonhado por não ter apreço ao morrer, por desconsiderado e resolver voltar como um demônio ou entidade maligna, um espectro ou fantasma amaldiçoado a comunidade ingrata que não teve afeição ao grande legado que o regente/faraó/sacerdote/oficial ou general havia deixado. O morto deveria parir tranquilo, para que não voltasse para se vingar. Esse processo deveria ter continuidade nos rituais futuros.

   Lançada aqui a base da oferenda, dos manjares aos mortos, das oferendas volitivas que estariam presentes em inúmeras religiões e que ainda fazem parte dos costumes fúnebres de muitos povos, com especial ênfase na cultura asiática. Ao ler a “A cidade Antiga” de Fustel de Colanges, nós teremos a noção da importância para o mundo antigo da oferenda aos

> mortos: (Da cidade Antiga) - Essas crenças logo deram lugar a regras de conduta. Desde que o morto tinha necessidade de alimento e de bebida, pensou-se que era dever dos vivos satisfazer às suas necessidades. O cuidado de levar alimentos aos mortos não foi abandonado ao capricho, ou aos sentimentos mutáveis dos homens; **era obrigatório**. Estabeleceu-se desse modo uma verdadeira religião da morte.

Você deve se perguntar, sobre o que as carpideiras religiosas que choravam a morte dos deuses, pranteavam, se não havia um "corpo" físico da divindade a ser enterrado? As religiões erguiam locais sagrados, bosques, árvores, altares, que representavam o "corpo" do deus morto. Também totens, postes esculpidos e imagens de diversos materiais, pedras, tijolos, madeira e até estatuetas de prata ou ferro, eram enterradas e desenterradas, ou visitadas anualmente com oferendas de manjares, como túmulos de familiares, representando assim os deuses que morriam e reviviam num drama eterno.

O pranto "cósmico", religioso era por natureza, ETERNO. Se dependesse das religiões antigas, jamais iria terminar. Era uma LAMENTAÇÃO ETERNA.

Percebe-se então a necessidade do choro das carpideiras e a posterior a necessidade dos banquetes dos mortos.

São duas faces de uma mesma história sinistra.

A religião de todos os povos bebeu abundantemente nas águas doutrinárias da religiosidade egípcia.

> A morte de um soberano do Egito ou de oficiais gerava os mais extraordinários ritos funerários. Dezenas de carpideiras, jovens e adolescentes choravam a morte do faraó, com gritos, com canções fúnebres, com representações de dor e morte que possuíam três funções, evitar que o defunto sentindo-se abandonado voltasse a assombrar os vivos, demonstrar afeto público diante de toda a comunidade e demonstrar apreço ao morto, dentro da esfera celestial, para que comovessem os deuses, demostrando a perda de uma grande figura humana, pedindo deste modo, misericórdia para este no futuro julgamento divino.

O choro de carpideiras só cessava após o enterro do morto, quando não, dependendo da grandeza de quem estava sendo velado, até 30 dias após a finalização dos ritos mortuários. Os ritos mortuários com choro das carpideiras era um ritual que nascera ou se fundira com o "choro pela morte dos deuses", pois na antiguidade as estações da natureza, a renovação das plantações após a colheita, a morte dos cereais e a recriação da vida, o renascimento da flora a partir das sementes, era como um memorial para a morte e renascimento de Osíris, Frazer citou os exemplos de Osíris, Damuz, Tamuz, Adônis, Átis, Dionísio. Haviam rituais de pranto pela morte dos deuses, que duravam semanas, em várias religiões.

Na procissão de falsos deuses, "Thammuz veio logo atrás, cuja ferida anual no Líbano seduziu as donzelas sírias lamentam seu destino, na melancolia amorosa todo o dia de verão. Tammuz na Babilônia era o jovem amor de Ishtar. Cada ano ele morria e passava para abaixo da terra, para o lugar de poeira e morte, "a terra da qual não há como voltar, a casa das trevas, onde o pó jaz na porta trancada". E a deusa foi atrás dele, e enquanto ela estava abaixo, a vida cessava na terra, nenhuma flor florescia e nenhum filho de animal ou homem nasceria.

Conhecemos Tammuz, "o verdadeiro filho", melhor por um de seus títulos, Adonis, o Senhor ou Rei.

Os Ritos de Adonis eram celebrados no meio do verão. Isso é certo e memorável; pois, na época que a frota ateniense estava embarcando em sua malfadada viagem a Siracusa, as ruas de Atenas estavam apinhadas de procissões fúnebres, em toda parte eram vistas as imagens do deus morto, e o ar estava cheio de lamentações de mulheres chorosas. Plutarco nos diz que aqueles que levaram em consideração os presságios estavam cheios de preocupação pelo destino de seus compatriotas. Iniciar uma expedição no dia dos ritos fúnebres de Adônis, o "Senhor" cananeu, era péssimo. Os ritos de Tamuz e Adonis, celebrados no verão, eram mais ritos de morte do que de ressurreição. A ênfase está no desbotamento e na destruição da vegetação, e não na sua expansão. A razão disso é simples. Por enquanto só temos que notar que enquanto no Egito os ritos de Osíris são representados tanto pela arte quanto pelo ritual, na Babilônia e na Palestina nas festas de Tamuz.

Há um antigo relato de um historiador que participa de uma campanha militar numa viagem marítima, quando o navio para numa região na época dos rituais de pranto. Ele relata que por toda parte via mulheres chorando, como se todo o país onde chegaram estivesse em luto. Todos os anos, as mulheres das religiões da antiguidade, se tornariam CARPIDEIRAS, de mitos, por cerca de uma semana.

Não conhecemos a origem das carpideiras de Jerusalém. Não sabemos se foi um ato espontâneo de um grupo de mulheres piedosas, se era um serviço religioso pago promovido pelo templo de Jerusalém ou se as mulheres pertenciam a uma ordem religiosa da época, separada, que possuía essa prática. As Escrituras mencionam o uso da flauta em um funeral judaico. O Evangelho de Mateus diz que um governante judeu pediu a Jesus que curasse sua filha, que estava quase morrendo. No entanto, quando Jesus chegou à casa do governante ele 'avistou os flautistas e a multidão em confusão barulhenta', pois a criança já havia morrido. — Mateus 9:18, 23.

Na maior parte do mundo antigo, em Roma, na Grécia, na Fenícia, na Assíria e na Palestina, o som de lamento da flauta estava inseparavelmente ligado a morte e tragédia. Segundo o Talmude, até mesmo o judeu mais pobre que ficava viúvo nos primeiros séculos contratava dois flautistas e uma mulher para chorar a morte de sua esposa. Flávio Josefo, historiador que viveu no primeiro século, registrou que, quando chegou a Jerusalém a notícia sobre os romanos terem conquistado Jotapata, na Galileia, e sobre o massacre de seus habitantes em 67 dC, muitos

dos que pranteavam contrataram flautistas para acompanhar os cantos fúnebres em seus funerais.

O choro das carpideiras era então, na época de Jesus, nos domínios romanos, acompanhado de flautistas, e realizado sempre para gente falecida. Jesus estava condenado a morte certa, as carpideiras faziam algo ANTECIPADO, como se fosse um CHORO PROFÉTICO na certeza da morte do condenado. Era uma viagem só de ida para o calvário, nunca alguém havia voltado vivo de lá. O outro motivo da antecipação da lamentação era que era necessário um corpo sobre o qual se lamentar. E o destino dos corpos era um lugar que não teriam acesso, denominado vale de Hinon, o "vale do monturo", onde corpos de condenados eram lançados, como indigentes, para serem comidos por cachorros e abutres. Era o "lixão" de Jerusalém. Ou elas choravam antes, ou não teriam um "corpo" sobre o qual derramar lágrimas.

Jesus também será seguido de carpideiras (ainda vivo) elas choram enquanto ele caminha em direção ao calvário, como se morto ele já estivesse. Mas, **ele não permite que elas continuem seu trabalho de dores porque bem sabe que ressuscitará ("Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; antes, pranteai, por vós mesmas e por vossos filhos!")**.

E o trabalho delas, será em vão.

Durante a morte de Cristo, a própria natureza agira como sua CARPIDEIRA CÓSMICA. Os céus ficarão de luto, as trevas tomarão conta do mundo durante o instante de sua morte. A própria terra tremerá quando o herói falecer, se contorcerá e romperá sepulcros. Sua vida é semente que trará a luz a Nova Criação, Jesus transtorna a existência dos poderes.

Por diversas vezes Jesus irá PARAR o trabalho das pranteadoras nas Escrituras.

Mas, **NUNCA NA HISTÓRIA HUMANA O TRABALHO DE UMA CARPIDEIRA FOI CESSADO ANTES DE FINALIZAR O ENTERRO DO MORTO.**

Até Jesus.

Ele inicia a paralização de serviços fúnebres no séquito do filho de uma viúva, parando o enterro, as canções de lamentação e o som das flautas, tocando o esquife e ressuscitando o filho morto.

Ele paralisa os serviços que já haviam iniciado quando ressuscita a filha do chefe da sinagoga.

Ele ANULA o serviço prestado por dias, quando ao quarto dia ordena que Lázaro saia de dentro do túmulo.

E por fim, chegada a hora de sua morte, as carpideiras vão seguindo-o até onde podem, na subida para o calvário. E ainda que saiba que irá morrer, Jesus as IMPEDE de continuar. Ele não necessitava daquilo. Porque a morte não poderia detê-lo. Não era uma despedida. Era uma até breve. Jesus iria CESSAR O CHORO

para SEMPRE. O culto a Deus, a expressão religiosa, a adoração perfeita não careceria de choro anual por ficção romântica religiosa. O pranto das carpideiras religiosas, o luto das nações pelos seus deuses mortais, tinha uma razão romântica oculta. Desde Osíris, era sempre o papel da "deusa consorte" da deusa esposa do deus morto, geralmente por intriga, inveja ou ciúme de uma divindade rival, realizar um ritual mágico para trazer o "amado" de volta do reino dos mortos. Dos mistérios de Osíris egípcio ao Mahabharata indiano, era um romance que movia o desespero da deusa, perfeitamente representado pelas sacerdotisas e fiéis de toda a terra. Afinal, o motivo do choro era a destruição de um grande amor, era a dramatização de uma tragédia amorosa cósmica.

Então Jesus que possui também uma consorte celestial, que na verdade é a humanidade redimida que denomina de igreja, retira dela o choro de carpideira.

A começar da reprimenda as "filhas de Jerusalém". Essa expressão é muito conhecida num CANTICO ROMANTICO, em Cantares de Salomão, que o canto de amor divino por excelência. Por diversas vezes em Cantares um grupo de adolescentes esnobes, meninas da cidade grande, filhas de nobres, ficam irritando, perturbando a heroína de Cantares, a Sunamita. "Conjuro-vos ó filhas de Jerusalém, não desperteis ao meu amor, até que ele queira! ". Em certo momento as amigas galhofeiras, que não são de todo más, perguntam "quem é esse teu amado, mais que outro amado que tanto nos conjurastes? "

Levou 1000 anos até que as "filhas de Jerusalém", poeticamente falando, se encontrassem com o "amado, mais que outro amado", aquele que está acima de todas as tradições religiosas, mais formidável que todas elas. E claro, ganham outra "reprimenda". "Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; antes, pranteai, por vós mesmas e por vossos filhos!"

Porque a Jerusalém das filhas de Jerusalém havia rejeitado avultosamente a salvação anunciada pelos "amigos do noivo", os profetas, que lhe alertaram desta visitação desde a antiguidade. Só que ela não se preparou para recebe-lo, e ainda o expulsou quando chegou. Jerusalém deixaria de existir como cidade 40 anos após este episódio, os judeus mortos aos milhares, o templo queimado e o povo exilado para todo o mundo na infame diáspora.

Não, não era por ele que elas deviam estar prestando seu serviço. E nesse gesto absurdo e estupendo Jesus cessa a contradição de ser "velado" ainda vivo, ele contradiz uma profecia chorada, a lamuria das carpideiras – esse pobre homem vai morrer e virar saudade daqui a pouco - com a esperança verdadeira e próxima de sua concreta ressurreição.

E finalmente, quando ainda VIVO, e VIVO para sempre, Jesus conceder a revelação sobre o amanhã ao profeta João, ele terminará a história da salvação, que se iniciou antes do nascimento do primeiro homem e que se estenderá após a morte do último, com a seguinte frase:

“Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, pois a antiga ordem já passou".

Apocalipse 21:4

Carpideiras, vocês estão, definitivamente, DEMITIDAS.

5	e da parte de Jesus Cristo, **a Fiel Testemunha, o Primogênito dos mortos** e o Soberano dos reis da terra. Àquele que nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados,

Jesus então é o primeiro ser humano a ressuscitar dos mortos e a permanecer VIVO para todo o sempre. O que desconstrói Osiris, e a todos os outros deuses que morrem, que necessitam de luto e lamentação eternos. Jamais seria necessário o retorno ao mundo dos mortos. E para deixar bem claro isso, no final de Apocalipse, Jesus ainda DESTRÓI definitivamente a morte. Quando a morte e o inferno são lançados no lago de fogo e enxofre.

A VOZ E O BARCO



Em 2011 arqueólogos egípcios e japoneses desenterram um barco de cerca de 4500 anos enterrado próximo a pirâmide de Guisé. O barco do faraó Quéops estava numa câmera próximo ao seu tumulo, e imaginava ser usada pelo

soberano para singrar os mares celestiais. Os principais deuses egípcios trabalhavam ou lutavam contra as forças do caos continuamente. Segundo eles, as embarcações tinham uma função simbólica, pois os antigos egípcios acreditavam que o Sol cruzava o céu de Leste a Oeste a bordo de um barco diurno chamado Mandjet , tomando então um barco noturno batizado Mesektet para fazer a viagem de volta do submundo. Nas primeiras doze horas, o sol estaria vivo e iluminaria a terra de dia, sendo que nas doze horas da noite, o sol, que morria todo o anoitecer no Ocidente, entraria no Mundo Inferior, local onde retomaria suas forças para renascer a cada manhã, no Oriente. Essa viagem solar é, assim, o princípio organizador e criador dos espaços do Além.

A HISTÓRIA DA BARCA CELESTIAL

O dia egípcio era dividido em dois períodos de 12 horas e entendiam que tais barcos celestiais navegavam pela região celeste da atmosfera, o céu e pela escuridão da noite, percorrendo dos "céus" egípcios, até o mundo dos mortos, o equivalente ao "hades" grego. Em cada uma das horas, os deuses terão que enfrentar um desafio, vencer um monstro, realizar algo. Cada hora é marcada por um evento. É um drama, que se repete diariamente.

Numa das horas que relatam as cenas vividas pelos deuses nessa navegação cósmica, uma frase é bem significativa. Quando penetram na região dos mortos:

"Quando Ra se dirigiu aos seres lá, eles vieram à vida ao som de sua voz, e eles respiravam"

Ao ouvir a VOZ de sua divindade máxima, Amum Ra, o criador dos outros deuses, os espíritos voltavam a viver, acordavam para ter acesso ao barco dos deuses e poder sair do reino dos mortos para os lugares celestiais onde havia alimento, trigais, sol e vida. os chamados "campos Eliseos".

neter *netri* *[un] - f* *re - f* *kheru* *en*

O deus divino ele abriu sua boca, a voz de

ḥen - f *ā. u. s.* *peḥ-nef* *er* *pet*

Majestade Soberana ressoou através do céu.

Em outra cena lemos que o poder divino se relacionava com a voz dos deuses, que ela ecoava nas regiões celestiais.

Para os antigos egípcios, a palavra possuía valor mágico, atuando quando pronunciada ou escrita. Essa magia ajudava o morto no além. E a magia da palavra, do encantamento NASCE deste CONCEITO da "palavra criadora" ou "vivificadora" dos deuses egípcios. E de um modo mais sinistro, das maldições ensinadas por espíritos malignos.

O faraó e os fiéis da religião egípcia ansiavam a possibilidade de voltar a viver espiritualmente dentro do reino dos mortos através de artes mágicas e rituais que poderiam despertar o morto no outro mundo. Mumificado o faraó dependia da intervenção de um filho que lhe **abrisse a boca por meio de um instrumento para ter voz**, para abrir seus olhos no mundo espiritual. Para isso não poderia perder seus ossos, não poderia reviver, ainda que num universo paralelo, sem a intervenção mágica e humana. O cerimonial da abertura da boca na terra, dentro do túmulo que era a pirâmide, deitado e amarrado no sarcófago era a possibilidade de retornar a viver, mesmo que numa outra vida. Jesus não teve seus ossos tocados. Não teve um cerimonial de enterro. **E não necessitou que abrissem sua boca para ter voz em outro mundo.**

Há escassa, porém sólida, evidência na literatura e arte egípcia **à prática de leitura oral de textos para o público**. A palavra de desempenho oral "recitar" (šdj) era geralmente associada com biografias, cartas e feitiços. "Cantando" (ḥsj) era para canções de louvor ou de amor, lamentos funerários, e certas magias. Discursos como a Profecia de Neferti sugerem que as composições que foram feitas eram para leitura oral entre os encontros da elite. No primeiro milênio a.C., o ciclo de contos demótico centrou-se nos feitos de Petiese, as histórias começam com a frase **"A voz que está diante do Faraó**", o que indica que um falante e audiência estavam envolvidos na leitura do texto. A plateia imaginária de altos funcionários do governo e membros da corte real são mencionados em alguns textos, mas um público mais amplo e não-alfabetizado pode ter estado envolvido. Por exemplo, uma estela funerária de Sesóstris I (r. 1 971–1 926 a.C.) menciona explicitamente pessoas que se reuniram e ouviram um escriba que "proclama" as inscrições na estela em voz alta.

Abrirei a minha boca em mistérios, proclamarei enigmas ocultos desde a criação. Jesus é o apogeu do ministério profético. Ele também conta histórias, parábolas e enigmas, ele discursa, prega, profetiza, declara em voz audível como um narrador egípcio, aos mistérios do reino.

O reflexo egípcio em Apocalipse **é que os mortos seriam chamados de volta a vida por uma divindade**. Os egípcios não possuíam a FÉ definida por Jesus. Ou não a exerciam em sua religião. O sobrenatural egípcio era baseado no FEITIÇO, no ENCANTAMENTO. O poder divino de seus deuses era na verdade fruto da

HEKA, da magia dos seus deuses. Por não compreenderem a natureza da fé, ou ao poder divino, criam que seus deuses realizavam o sobrenatural como se fossem MAGOS. Por FEITIÇOS. E entendiam que qualquer coisa fantástica, sobrenatural, de caráter mágico, só ocorreria mediante um ENCANTAMENTO. Por isso MOISÉS é também tão difícil de ser compreendido pelo sacerdócio egípcio. A ressurreição mágica, distante, no invisível do mundo inferior, imaginada, ficcional, é realizada de modo LITERAL, nos eventos de Apocalipse:

I Tessalonicenses 4:16 exclama: "Porquanto o Senhor mesmo, **dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo**, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro"

"Deu o mar os mortos que nele estavam. A morte e o além entregaram os mortos que neles havia. E foram julgados, um por um, segundo as suas obras."

Os deuses mortos do Egito, eram imaginados com o poder da vivificação das múmias, ou da parte delas que migrava para o reino do além.

Em Apocalipse Jesus mostra seu domínio sobre tudo, tendo tamanha autoridade que pode conceder a um outro ser celestial, segundo sua vontade, o poder da ressurreição plena, física. **A voz que convoca os mortos para a vida**, na ressurreição final, é a de um arcanjo. E não está fazendo isso num mundo dos mortos, num lugar celestial escondido, oculto, fantasmagórico. Ele convoca mortos de todas as regiões da morte, onde quer que sejam, e eles vêm. INCLUINDO com certeza, os que estão REPRESENTADOS POR MILHÕES DE MUMIAS ENTERRADAS NAS AREIAS DO EGITO.

Jesus fará o que os sacerdotes de OSIRIS, AMUM-RA, PTAH, ISIS, SHU, TEFNU, HATHOR e companhia, prometeram a dezenas de gerações de egípcios. Numa única feita com todos eles.

E sem usar feitiço algum.

O feitiço não impediu a convocação. A pirâmide não concedeu privilégios, juntas as classes sociais são convocadas. De todas as regiões, de lugares distintos pois a realeza não ia para os Campos Eliseos. Iria para um lugar distante.

OS SETE ESPÍRITOS

Apocalipse 1.4

João, às sete igrejas que se encontram na Ásia, graça e paz a vós outros, da parte daquele que é, que era e que há de vir, da parte dos sete Espíritos que se acham diante do seu trono

O sacerdote egípcio não tinha a noção de onipresença. Porém entendia que a essência dos deuses e dos seres humanos podia se dividir. Uma divindade poderia ser dupla, trina, quádrupla ou sétupla. Os ofícios na antiguidade, as especialidades, ourivesaria, siderurgia, carpintaria, escrita, sacerdócio, perfumaria, encantamento de cobras, e muitas outras eram familiares, hereditárias, alguma sagradas, restritas a determinadas famílias. Os ofícios eram dons divinos concedidos as antigas gerações e replicados as gerações posteriores. Essa especialização classificava as pessoas. Um dia as dividiria em castas ou classes. Algumas atividades só podiam ser realizadas por determinado grupo. As divindades eram igualmente especializadas. E padroeiras de atividades humanas. Cada um cuidava de uma área, era adorado por um grupo. Porque foi ela que concedeu o talento especial ou específico. As divindades dos marinheiros eram diferentes das dos artesões e assim por diante. Mas, se uma divindade apresentasse a capacidade de conceder ou operar ofícios diferentes? Elas se tornaram MULTIPLAS. As vezes representadas com várias cabeças. Ou com MULTIPLAS PERSONALIDADES. Ou com MULTIPLOS NOMES. Os egípcios possuíam um *vasto repertório de enfermidades*. Incluindo psicológicas. A loucura é conhecida desde a antiguidade, a mudança de comportamento, e o que denominamos, transtorno de dissociativo de personalidade. O transtorno dissociativo de identidade, também conhecido como transtorno de múltiplas personalidades, é um transtorno mental em que a pessoa se comporta como se fosse duas ou mais pessoas diferentes, que variam em relação aos seus pensamentos, memórias, sentimentos ou ações. Como se PESSOAS DISTINTAS habitassem um único corpo. E era exatamente essa MULTIPLICIDADE que concediam a algumas divindades. Somando seu conceito limitado de “onipresença” a questão da especialização de ofícios e da experiência humana com a comportamentos psicológicos estranhos (cuja origem ou natureza não é o foco desse estudo) podemos entender a falta de IDENTIDADE dos deuses egípcios e a multiplicidade de alguns. E também compreender parcialmente ao POLITEISMO. Um deus só não dá conta. Tem que delegar para outro um ofício particular. Tem que ter um representante divino para cada ofício. Quando lemos que há " sete Espíritos que se acham diante do seu trono” há um contraste gritante com a PESSOA ÚNICA do Espírito de Deus. Não percebemos no Espírito MULTIPLICIDADE. Nunca nos foram “formalmente” apresentadas nas Escrituras outras DIMENSÕES do Espírito, senão suas referências, seus ATRIBUTOS.

Isaías 11 relata sobre o Espirito Santo ungindo a Cristo:

“E repousará sobre ele o **Espírito do Senhor**, o **espírito de sabedoria** e **de entendimento**, **o espírito de conselho** e **de fortaleza**, o **espírito de conhecimento** e **de temor do Senhor**”

São sete atributos especiais e diferentes, exercidos pelo Espírito Santo. Ele é MULTIPLO em atributos, ele e especialista em tudo o que existe. E até no que não. Seus CONHECIMENTO é inimaginável. Mas para o coração egípcio, isso também é difícil compreender. Um sacerdote egípcio bateria o pé e afirmaria que ele tem que ser MULTIPLO.

A visão dos sete espíritos então daria um certo “sossego” ao coração desse pobre sacerdote. Mas, se referem a um Espírito que não sofre de transtorno dissociativo. Que mantém sua PERSONALIDADE em todas as esferas da existência e em todas as eras.

PORÉM essa visão mostra que ainda há coisas que NÃO SABEMOS SOBRE O ESPÍRITO DE DEUS. Que ele também tem seus mistérios. Que só nos serão apresentados...quando chegar a HORA (parafraseando a história da barca celestial...).

SOBRE AS ÀGUAS

No relato em Mateus 14.23-34, Marcos 6.45-52 e João 6.16-21. Jesus caminha, literalmente, sobre as águas. Mas, quando ele o faz, ULTRAPASSA a capacidade dos deuses egípcios, como o mito de Hórus e de ATUM-RÁ ou Rá, viajando pelos céus durante o seu “percurso noturno.

De acordo com a mitologia egípcia, tudo no mundo, incluindo os deuses egípcios primordiais que personificavam diversos elementos da natureza, surgiu das águas primordiais; ou emergiu delas. Porém, Hórus, assim como Rá, e vários outros deuses, são sempre retratados navegando sobre as “águas celestiais” em "barcos solares", mas nunca andando, literalmente, sobre elas. **Jesus ultrapassará a imaginação mágica da antiguidade, dentro dos domínios dela.**



A CENA DA CEIFA

Apocalipse 14

15	Outro anjo saiu do santuário, gritando em grande voz para aquele que se achava sentado sobre a nuvem: Toma a tua foice e **ceifa**, pois chegou a hora de ceifar, visto que a seara da terra já amadureceu!
16	E aquele que estava sentado sobre a nuvem passou a sua foice sobre a terra, e a terra foi **ceifa**da.

De meados de novembro a meados de março, era preciso construir sementeiras e manter as culturas hortícolas; de meados de março a meados de julho, ceifar e preparar a chegada de nova cheia. Semeadores e lavradores operavam ou em conjunto, ou ao contrário da rotina atual: primeiro semeavam, para em seguida lavrar, cobrindo a semente com a terra e não traçando sulcos. O arado era rudimentar e servia apenas para arranhar o solo. Como empregavam vacas pequenas nesse trabalho e não bois, fica provado que o esforço exigido não era muito grande. **Quando as espigas amarelavam, reaparecia o escriba real para conferir a expectativa de colheita e estabelecer a parte que caberia ao Faraó**. A ceifa e a debulha representavam um trabalho de tempo integral, durante semanas. Os homens cortavam as espigas com uma foice de cabo curto e as mulheres recolhiam as espigas, que eram lançadas sobre um terreiro, em cujo solo batido entravam bois e homens. *Enquanto os primeiros pisoteavam os cereais, os homens revolviam as espigas com os ancinhos, separando palha do alimento.*

A ceifa é o momento em que FINDA a campanha do Evangelho, e que é COLHIDO ou SEPARADO de dentre os homens os que se tornaram TRIGO. A semente celestial foi a Palavra de Cristo. A palavra de Jesus é DIVINA e possui o poder de transformar o JOIO em TRIGO, ou de transformar o homem em FILHO DE DEUS, pode tornar o PECADOR em JUSTIFICADO. Essa mudança no interior do ser humano é denominada REGENERAÇÃO, e o que o Espírito vê é o coração humano transformado. O joio não será colhido e o trigo não será deixado. A palha será separada do trigo, o homem segundo o coração de Deus será finalmente separado do ímpio, o sincero do falso, o que possui verdadeiro arrependimento do que simula transformação.

Esse texto fala que existe uma época, um período pré-determinado para crescimento espiritual da humanidade, onde acontece o milagre da transformação, e que tal período FINDARÁ. Há um instante em que o PROCESSO termina, quando aos olhos do Pai, chega o instante de finalizar a semeadura, de terminar a convocação, de finalizar o convite. Porque já não há mais ESPECTATIVA de conversão. É o momento em que o Soberano, tal como faraó ordena a COLHEITA para que seus celeiros sejam abastecidos.

SACERDÓCIO REAL

Apocalipse 1

6	e nos constituiu reino **sacerdotal** para o seu Deus e Pai, a ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém

Quando Jesus declara a Igreja como Sacerdócio real é como se retirasse o cargo dos sumo-sacerdotes do Egito e de Faraó. Era uma classe de intermediários exclusivos entre deus e os homens. Faraó era a mais alta patente sacerdotal de seu povo, e nele estava incorporado o papel de único sumo-sacerdote, capaz de colocar Ordem sobre o Caos. Sem ele as forças das trevas e do caos destruiriam ao Egito e ao mundo. Por isso o desespero durante a morte de faraó e a necessidade de erguer um substituto, pois sem ele as forças do cosmos estariam desreguladas. Durante a morte do faraó seus súditos corriam para que ele fosse "osirificado" ou divinizado, através de rituais para que ele ascendesse a condição divina e se tornasse uma estrela. O processo de beatificação e da eleição do papado pela religiosidade da Igreja Romana tem inspiração nesse tema macabro.

Quando Jesus afirma que a Igreja é feita nação sacerdotal, ele estabelece o impensado. Divide seu status divino com o povo, reparte seu cargo, faz com que todos sejam similares a ele. Jesus legitima uma condição espiritual de IGUALDADE entre os seres humanos, desconhecida pela religião egípcia.

A religião do Egito era mutável, esteve em continua transformação, porque dependia do sacerdócio, família real, ou cidade estado que vencesse a disputa politica no controle governamental. Mudança de capital do reino, divisão ou fusão dos reinos do baixo e alto Egito.

Dependendo da família real ou da cidade estado dirigindo a nação, mudava desde a teologia oficial, os rituais, o sacerdócio e até as divindades. Temos capitais famosas, tais como Tamis, Tebas, Hierópolis, Pi-Ramesés ou Memphis.

Durante o reino de Salomão, cerca de 1000 aC, em Tebas o cargo de Sumo-Sacerdote adquire praticamente o mesmo peso do que o do Faraó. Esse reinado esporádico pode ter sido assumido principalmente para fins de culto: já que era o rei que era o ponto de contato entre o mundo dos homens e o dos deuses, um estado praticamente independente assim como o Alto Egito requeria alguém para preencher o papel. Nesse período **os sumo-sacerdotes assumiam funções militares. Todos eram generais e tinham o título de "Grande Comandante do Exército" e "Grande Comandante do Exército de Todo o País".** Também foram responsáveis pela construção de várias fortalezas na área controlada por Tebas, concentradas em sua maioria na margem leste: el-Hiba, Sheikh Mubarek e Tehna.

Esse "sacerdócio real" chamado por CRISTO é convocado para uma GUERRA ESPIRITUAL. Por isso também por sete vezes nas cartas às Igrejas da ásia em Apocalipse Jesus usará a expressão "Quem Vencer".

O NOME RISCADO

Apocalipse 3

5	O vencedor será assim vestido de vestiduras **branca**s, e de modo nenhum apagarei o seu nome do Livro da Vida; pelo contrário, confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos.

Ainda neste contexto mágico-religioso de uso de palavras para substituir ações e garantir um bom destino no Além, de acordo com Schneider (1977:302-303), a presença do nome do morto nas estatuetas teria a função específica de servir como um meio de sua preservação no Além, pois **é sabido da importância do nome como um dos constituidores do ser humano** como tal e como ser vivo, sendo que, sem o seu nome, o morto é esquecido e condenado à destruição absoluta, sem direito a uma vida após a morte na "Terra do Deus", sendo que o mesmo aconteceria caso houvesse um julgamento desfavorável no tribunal de Osíris, condenando o morto a ser devorado por Aman, isto é, à aniquilação ou segunda morte.

Nas estatuetas funerárias a inscrição mAa-xrw (JUSTIFICADO, ou EM VERDADE, SEGUNDO A VERDADE), pode ser encontrada sempre após o nome do morto, desde o Segundo Período Intermediário. Deve-se levar em conta, que o uso do termo maA-xrw seguindo o **nome do morto expressa o desejo do mesmo em ser considerado "justo de voz**", isto é, alguém que está de acordo com a maat, o que seria verificado durante a cerimonia descrita no Capítulo 125 do Livro dos Mortos, momento em que o morto é julgado no tribunal de Osíris e tem seu coração pesado. Portanto, de acordo com a lógica mágico-religiosa dos egípcios o fato do termo maA-xrw aparecer escrito no artefato juntamente com **o nome do morto garantiria que a absolvição** fosse atribuída, permitindo que o falecido goze dos atributos de um pós-vida osiríaco, nos Campos do Além, sempre de acordo com a maAt, por ser um "justo de voz", um "justificado" perante Osíris.

Apagar o nome do morto para o egípcio é o equivalente aos gregos a cessar a oferenda mortuária. Sem o nome o espírito/alma do morto deixaria de existir. Pois haveria um feitiço sem endereçamento, dirigido a ninguém, porque só o corpo não basta para averiguar quem é quem no julgamento final. Seus "caixões" seriam lidos, consultados. Apagar ou RISCAR o nome do sarcófago era desejar que o morto JAMAIS VIESSE A RESSUSCITAR. Que jamais tornasse a viver.

Nome sendo apagado num sarcófago.

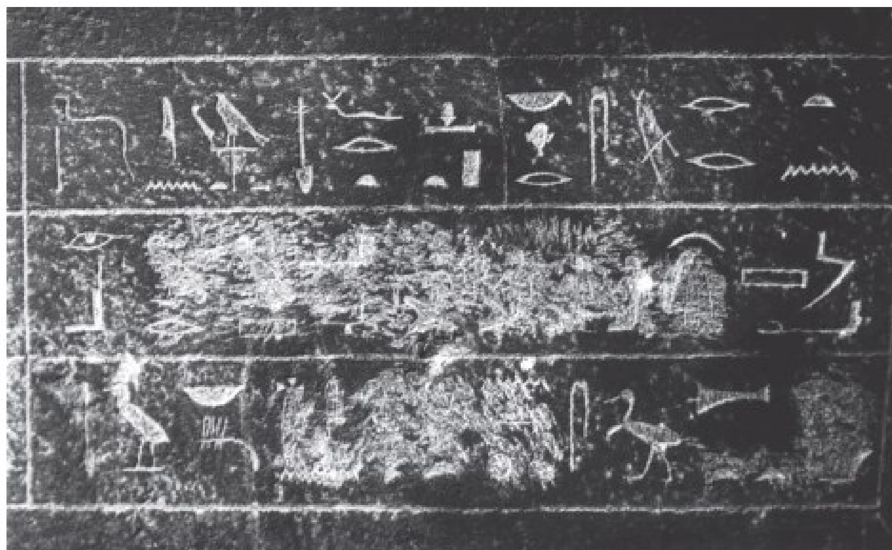


Fig. 6. Sarcophagus of Iahmes, foot side, right half. © Hermitage Museum.

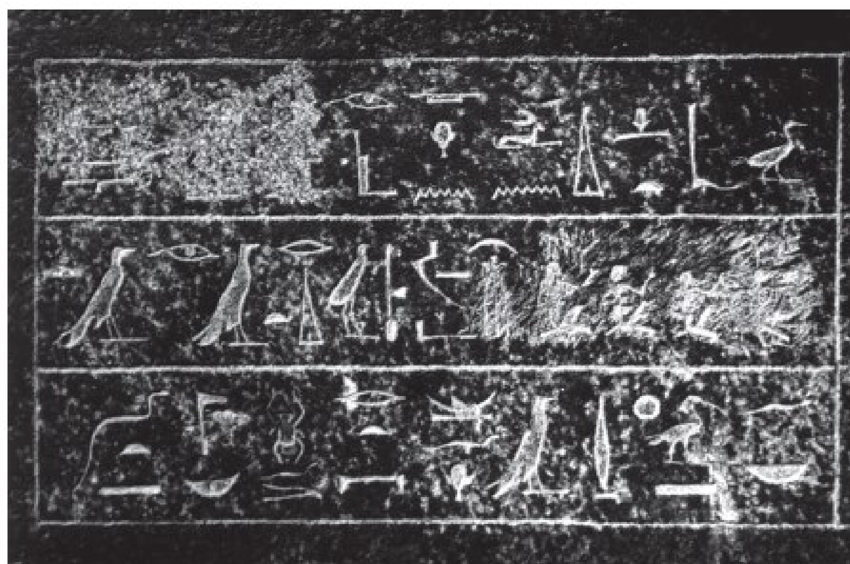


Fig. 7. Sarcophagus of Iahmes, foot side, left half. © Hermitage Museum.

É dessa representação que o Espírito de Deus EXTRAI A IMAGEM para O LIVRO DA VIDA. Do temor extremo que os egípcios tinham de ter, LITERALMENTE, seus nomes RISCADOS, porque assim não seriam RECONHECIDOS, não seriam tido como JUSTIFICADOS, e mesmo que conduzidos ao TRIBUNAL ou JUIZO DIVINO, não estariam PROTEGIDOS de suas próprias maldades.

O CETRO

Apocalipse 2

27	e com **cetro** de ferro as regerá e as reduzirá a pedaços como se fossem objetos de barro;

Apocalipse 12

5	Nasceu-lhe, pois, um filho varão, que há de reger todas as nações com **cetro** de ferro. E o seu filho foi arrebatado para Deus até ao seu trono.

Apocalipse 19

15	Sai da sua boca uma espada afiada, para com ela ferir as nações; e ele mesmo as regerá com **cetro** de ferro e, pessoalmente, pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-Poderoso.

O cetro da Pré-dinástia era diferente, denominado was. Que era símbolo DIVINO, do poder, sendo segurado nas mãos dos deuses. (Imagem abaixo de Seth segurando o Was)



A decoração de muitos incensários em forma de braço, novamente **fazem referência ao papel do faraó como intercessor principal com os deuses**. Uma imagem em miniatura do rei às vezes está desenhada atrás do recipiente para resina, localizado na metade do comprimento do incensário. Já que o rei-sacerdote não podia oficiar em todos os templos do Egito, estas esculturas pequenas **podem ter dotado os sacerdotes com autoridade para fumigar** para **os deuses no lugar do faraó**. Desta forma, a presença do rei poderia ser

magicamente invocada, independentemente de quem realmente queimou a resina. (AN "ODOR OF SANCTITY": THE ICONOGRAPHY, MAGIC, AND RITUAL OF EGYPTIAN INCENSE).

O ferro era um metal divino para os antigos egípcios. Que embora não o fabricassem, o compravam e importavam, na forma de hematita, um minério quase feito de ferro puro. Os cetros DIVINOS da antiguidade, os cetros que pertenciam as divindades eram feitos de METAL, em particular hematita.

Quando JESUS usa um CETRO DE FERRO, ele se coloca como uma DIVINDADE. Ele representa um REINO DIVINIZADO, um reino divino dominando sobre as nações da terra.

Apocalipse 12

9	E foi expulso o grande dragão, a antiga **serpente**, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos.

Por outro lado, é bastante claro a partir de várias passagens nos textos com os quais as paredes das câmaras e corredores dos túmulos pirâmide de Unas e Teta, e outros reis do Antigo Império em Sadkk,ra está escrito que o Egito estava infestado de cobras venenosas e répteis nocivos de vários tipos quando as formas originais daquelas passagens eram escritas, e que eram suficientemente formidáveis e numerosas para causar a grave *ansiedade da vida dos corpos. de seus mortos*. As serpentes eram adoradas, eram temidas, e temidas até que comessem ou entrassem nos sarcófagos, e nas múmias profanando os corpos. Os egípcios DEPENDIAM da preservação dos corpos mumificados para terem acesso ao paraíso, campos Elíseos ou lugares celestiais. O corpo ficava ligado ao morto, a alma fragmentada do morto, sua destruição acarretaria a destruição da alma no mundo do além. Assim como apagar o nome do morto.

Assim, no texto de Unas, 1° rei da V Dinastia, encontramos uma série de curtas fórmulas mágicas, muitas das **quais são dirigidas contra serpentes e animais ferozes**, e todos são expressos em termos que provam que eles devem ter sido compostos muito antes de serem inscritos nas paredes dentro da pirâmide do rei, É correto pensar que elas devem ter apresentado sérias dificuldades para o literato escriba dos reis. Nestas fórmulas são mencionadas as serpentes:

are mentioned the serpents Ufā, Nāi, Hekȧ, Hekret, Setcheḥ, Ȧkeneh, Ȧmen, Ḥāu, Ȧnṭāf, Tcheser-ṭep, Thethu, Hemth, Senenȧhemthet, and allusion is made to a most "terrible serpent," . At the time when these formulae were composed

O mundo JAZ no MALIGNO, como um imenso CEMITÉRIO, como uma gigantesca pirâmide.

Em certo momento de Apocalipse ocorrerá justamente o PIOR DOS TEMORES dos egípcios, o pavor das cobras tornado real. **Quando neste mundo-cemitério, a serpente celestial for lançada definitivamente.**

O INCENSÁRIO

Apocalipse 8

3	Veio outro anjo e ficou de pé junto ao altar, com um **incensário** de ouro, e foi-lhe dado muito incenso para oferecê-lo com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que se acha diante do trono;
5	E o anjo tomou o **incensário**, encheu-o do fogo do altar e o atirou à terra. E houve trovões, vozes, relâmpagos e terremoto.



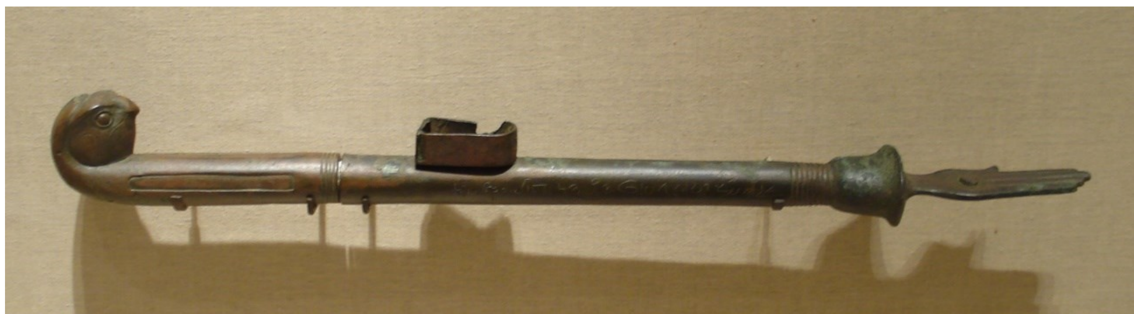
(Católico)







(israelita)



(egípcio)

O incenso fará um importante papel no tabernáculo, no templo e também nas **suas representações celestiais em Apocalipse**, tanto sua fumaça, como as brasas que são usadas, como o POTE que contém o incenso, chamado TURÍBULO. Muitas culturas da antiguidade queimavam incenso diante dos seus deuses, e muitas cerimonias são acompanhadas de turíbulos.

O incenso tem uma longa história no antigo Egito, assim como nas culturas mesopotâmicas. Exemplos iconográficos e a literatura de oferendas realizadas atestam os rituais das duas culturas e uma evolução cultural de seus usos.

A *fragrância* tem permeado a terra e a cultura do Egito por milênios. Antigas sepulturas enterradas na areia quente ainda contêm traços de resina, o cheiro doce das flores de lótus, florescem ao longo do Nilo, sacerdotes coptas balançavam incensários para purificar seus altares e perfumarias modernas exportam essências para todo o mundo. Relevos e papiros representando cerimônias de *fumigação* (não temos um verbo apropriado tipo *incesação*....) atestam o papel central do incenso usado no antigo Egito. Arte e cerimônias reverenciavam isso como a personificação da vida e uma manifestação aromática dos deuses. Os faraós cultivavam árvores de incenso e de resinas caras importadas da terra de Punt para satisfazer as necessidades dos templos e prolíficos túmulos do Egito. A ascensão do cristianismo no primeiro século fez o incenso ser censurado temporariamente, mas após essa época clérigos ortodoxos começaram a celebrar a liturgia com nuvens de fumaça perfumada. Algumas das creditadas propriedades antigas de vida e de fertilidade do incenso foram ainda perseveradas sob nova teologias católicas. Examinando a iconografia e a magia do incenso, seu papel irá traçar os temas de intercessão, rejuvenescimento e deificação por suas origens cúlticas e funerárias com reverberações até hoje nos mosteiros e nas igrejas de ortodoxia copta.

O incenso significava reverência e oração, mas em um nível mais profundo também **evocava a presença real da divindade**, criando a "fragrância dos deuses".

Texto do templo do Ritual de Amon descreve incenso vindo dos poros de ATUM:

"O deus vem com o corpo adornado que ele fumigou com o olho de seu corpo, o incenso do deus que emanou de sua carne, o suor do deus que caiu no chão, que ele deu a todos que lhe pertencem . . . É poder do olho de Horus. Se tu vives, as pessoas vivem, sua carne vive, seus membros tornam-se vigorosos.



Ostraca de calcário mostrando o pote de incenso com chama abaixo do "deus" (hieróglifo comum 'padrão de bandeira').



Edfu Temple



Amenirdis I



Medinet Habu

Alguns textos identificam divindades com aromas específicos ou tipos de incenso. Sagrados e secretos. Receitas de incenso esculpidas nas paredes do templo de Horus em Edfu explicam que a mais fina mirra "brota do olho de Re", enquanto outros graus de mirra vêm dos olhos de Thoth e de Osíris, das costas de Horus, "dos membros divinos" ou da “saliva” e o dos “ossos” dos deuses. Os egípcios adoravam vários “patronos de fragrâncias”, incluindo Merehet, deusa dos unguentos; Chesmet, divindade de produção de perfumes; e Nefertum, o deus de cabeça de leão do incenso descrito como “o lótus na narina de Re”.

A complexidade da religião egípcia é que cada símbolo nasce de outro, eles se associam para criar novos significados.

Criam que partes de deuses mortos se tornavam árvores ou vegetais, e sicômoros e árvores que produziam bálsamo ou resina aromática eram tidas como sagradas. Significava que o “deus morto” vivificava as árvores, logo a seiva da árvore se tornava mágica ou sagrada. Como a seiva era transparente e tinha forma de uma gota, parecia algumas vezes que a árvore “sangrava”. Ou que “suava”. Então associaram a resina como “sangue” da divindade. Ou como lágrimas. Como queimavam a resina em forma de incenso, criam que aquele produto mágico tinha poder de vivificar as estátuas...mortas. Esse era o início do ritual nos templos. Para que os “deuses” egípcios “falassem ou agissem de algum modo” era necessário “acordá-los” soprando neles incenso.

Osiris tem uma conexão particularmente antiga com o incenso. Os estudiosos acreditam que seu nome costumava significar "lugar do olho" em referência à lenda de Horus. Horus ofereceu seu Olho de "doce aroma" para seu pai, como um sinal de vitória sobre Seth.

Oferecer um olho como oferenda traduz, possivelmente, alguma antiga tradição em que numa guerra algum faraó deve ter perdido um olho. Para uma divindade retirar, ou recolocar um olho, não deveria ser tão difícil. Outra vez a complicação dos egípcios. "Oferta de doce aroma" significava "oferta aceitável". Mas em algum momento, o que era uma comparação se tornou uma figura relacionada ao incenso. "Doce aroma", do cheiro do incenso tornava a oferta "aceitável". Como o incenso colhido tinha formato de "lágrimas"...Logo... Os egípcios comparam o Olho de Horus com o incenso, e às vezes o conectavam especificamente aos sucos pegajosos do incenso de ládano, que caíam como lágrimas do Olho do deus em arbustos de goma-esteva.

E mais um pouco de sincretismo, Osíris tornou-se equiparado a esses arbustos - os egípcios reverenciavam TAMBÉM as cabras vagando pelos montes com arbustos de goma-esteva como fossem manifestações do que os egiptólogos chamaram carinhosamente de *carneiro osiriano de Mendés*.

Mendés ou **Banebdjedete** era um deus do antigo Egito com um centro de culto em Mendés. Como os deuses egípcios não têm realmente um gênero, também poderia ter um aspecto com cabeças de ovelhas. **As palavras para "carneiro" e "alma" soavam da mesma forma em egípcio**, de modo que as divindades de carneiro eram às vezes vistas como **aparições de outros deuses**, incluindo carneiros e cabras que aparecessem espontaneamente em determinados locais tidos como sagrados. Em particular montes em que haviam plantas para fabricação de incenso.

...*Talvez um gráfico pudesse auxiliar*...

Resumindo, incenso vinha de plantas sagradas, que receberam poderes divinos por estarem plantadas junto a partes do corpo de um deus morto - os arbustos de bálsamo ou incenso gotejavam na verdade a essência divina...quando queimada em forma de incenso VIVIFICAVA aos deuses mortos, ou em estado de dormência, das pirâmides ou dos templos.

Salmos 114:4

4 **Os montes saltaram como carneiros, e os outeiros como cordeiros do rebanho**.

Salmos 114:6

6 E vós, montes, que saltais como carneiros, e vós outeiros, como cordeiros do rebanho?

Esse salmo é uma PROVOCAÇÃO. O Espírito de Deus RESIGNIFICA as coisas divinas, usando símbolos próximos da cultura egípcia. Um cordeiro divino está para substituir o carneiro ou cabra de Osíris.



Enquanto comiam os arbustos, as barbas das cabras se tornaram endurecidas com o labdanum endurecido, e o incenso poderia ser colhido cortando suas barbas. Alternativamente, fitas feitas de pele de cabra, enroladas ou presas à manguais (bastões de madeira usados normalmente para triturar grãos) eram colocadas sobre as plantas da goma-esteva, para estocar gotas de labdanum. O arbusto de cistus labdanum, de goma-esteva, ou arbusto de esteva, é originário do Oriente Médio, de montanhas das regiões costeiras e do Mediterrâneo. Atualmente, essa planta é encontrada em todos os países próximos ao Mediterrâneo, porém os ramos de cistus são colhidos somente na Espanha e no Marrocos. Os atributos de **Osíris relacionavam-no com a barba de cabra** e o mangual o conecta à colheita de incenso, sublinhando a centralidade antiga do perfume na religião egípcia. A barba cerimonial e o mangual cerimonial do faraó também podem ter tido conotações de incenso.

Referência Bíblica: Mateus 25.31-46 — "E quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; **e todas as nações serão reunidas diante dele**, e apartará uns dos outros, como o pastor apartam dos bodes as ovelhas; e porá as ovelhas à sua direita, **mas os bodes à esquerda**. Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: vinde benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e foste me ver."

A parábola das cabras e das ovelhas fala de julgamento. E veja que OS BODES normalmente barbudos, **que lembrariam ao SENHOR** a barba cerimonial de faraó (que era falsa feita de barba de cabra), ungida com o "incenso " de Osíris, ungido com as crenças dos egípcios, ficarão EXCLUIDOS.

O tempo do cumprimento dessa parábola é o tempo de Apocalipse.

Vem a lembrança de que o incenso cerimonial israelita pertencia somente a DEUS. Era feito de componentes, (gálbano, onicha, mirra, etc) para criação de um perfume sacerdotal que não podia ser usado com finalidades cosméticas. Uma mulher ou homem israelita não poderia utilizar o perfume que era usado no santuário para fins particulares. O faraó com barba de bode invocava para si uma divindade que não possuía, exercendo um cargo que também não lhe foi lhe dado por Deus, diante de deuses que não eram deuses. *O livro de Hebreus afirma que ninguém pode fazer de si mesmo sacerdote, sem que seja por Deus separado para tal.* Essa na verdade é a tônica da religiosidade do mundo. Ficção religiosa, ritualismo e práticas lúdicas que não acrescentam, antes desvirtuam. Esse é também será o **resultado da exportação mundial da teologia egípcia**, que inspirou, moldou, centenas de teologias da antiguidade.



Como ferramentas para coletar o ládano, tanto o mangual como a barba das cabras, representadas pelo mangual na mão de faraó (a ferramenta com três bastões da figura anterior) e a barba cerimonial, podem ter associado a intercessão do rei para o seu povo para **a coleta incenso para os altares do templo** e, em seguida, usando as nuvens de fumaça para mediar ou dramatizar o contato entre o céu e a terra. A nuvem de fumaça representava ao mistério, ao MARAVILHOSO, ao miraculoso.

Então veremos o incenso sendo usado no templo celestial pela última vez em Apocalipse. A cena fantástica nos mostra realidades celestiais

E o anjo tomou o **incensário**, encheu-o do fogo do altar e o atirou à terra. E houve trovões, vozes, relâmpagos e terremoto.

A primeira coisa que nos vem à mente é a EXISTENCIA de um TEMPLO no lugar onde DEUS HABITA CORPORALMENTE. E que ANJOS agindo como SACERDOTES CELESTIAIS ministram neste templo que não foi construído por mãos humanas. Então nos espantamos porque quando Moisés recebe o modelo do tabernáculo ele representa algo que é INVISIVEL, e PRE-EXISTENTE. As Escrituras não nos

revelam quando houve a FUNDAÇÃO do templo celestial, nem quando teve início o SEU MINISTÉRIO. Somos conduzidos a entender que ele é ANTERIOR A GENESIS. QUE ELE É ANTERIOR AO ÉDEN. E que provavelmente já EXISTIA antes do universo físico. Certamente é nesse templo invisível que reside o mistério da religião. Ele é anterior ao PRIMEIRO templo construído pelo ser humano, é anterior ao surgimento das civilizações. Em algum momento tribos, povos, raças, o avistaram em sonhos, o perceberam em revelações. Mas, sem o domínio do Espírito de Deus, guardaram pouco da imagem divina, distorceram muito, inventaram ainda mais. O sacerdócio levítico retrata o que é possível ou de modo humano o que acontece nesse lugar escondido. A existência de um templo celestial só nos é dado conhecer e APOCALIPSE.

O instante em que ele é APRESENTADO é no capitulo 7

Apocalipse 7

15	razão por que se acham diante do trono de Deus e o servem de dia e de noite no seu santuário; e aquele que se assenta no trono estenderá sobre eles o seu **tabernáculo**

A existência de um santuário celestial só é apresentado após a abertura **do sexto selo.** Jesus recebe uma escritura das mãos do Pai, e a cada selo aberto, acontece um evento catastrófico. Guerras, epidemias, fome, morte, queda de um meteoro, mudanças galácticas que mudam a posição do sol, a visibilidade lunar, os poderes que sustentam o cosmos do modo que conhecemos são abalados.

Somente após a abertura do sétimo selo o INCENSÁRIO nos será mostrado.

Como vimos até o instante, o incenso era tido como sendo representante da essência divina pelos egípcios. Ele era necessário, imprescindível para VIVIFICAR as estátuas mortas. Para acordar, dar vida aos deuses funerários.

Apocalipse 13

14	Seduz os que habitam sobre a terra por causa dos sinais que lhe foi dado executar diante da **besta**, dizendo aos que habitam sobre a terra que façam uma imagem à besta, àquela que, ferida à espada, sobreviveu;
15	e lhe foi **dado comunicar fôlego à imagem d**a **besta**, para que não só a imagem falasse, como ainda fizesse morrer quantos não adorassem a imagem da besta.

A cena de Apocalipse em que a BESTA*, o homem tomado pela rã*, que representa um ser humano que será tomado por poderes espirituais para um papel horrível, realiza um sinal de VIVIFICAR uma estátua, ou autômato, concedendo-lhe consciência, ou mesmo uma espécie de vida, acontece como se um sacerdote egípcio baforasse ou fumigasse INCENSO na face de uma estátua divina. É simplesmente a reapresentação, a dramatização da cena que aconteceu por mais de mil anos num templo egípcio.

O INCENSO se confunde com o folego porque os assistentes religiosos SOPRAVAM a fumaça sobre as estátuas. O incensário egípcio era uma espécie de CACHIMBO.

O incenso no contexto bíblico representa oração, sua **fumaça igualmente representa a presença divina. O incenso sempre se relacionou com a intercessão, como o resultado da intercessão.** Quando Moisés intercede contra o exército de Faraó, uma coluna de fumaça se coloca entre eles e o exército egípcio. Quando Salomão consagra o templo, intercedendo, ele é cheio de fumaça que representa a glória divina. Ele é feito de perfume, perfumava a tenda e posteriormente o santuário, perfumando o ambiente e os sacerdotes.

3	Veio outro anjo e ficou de pé junto ao altar, com um **incensário** de ouro, e foi-lhe dado muito incenso para oferecê-lo com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que se acha diante do trono;
5	E o anjo tomou o **incensário**, encheu-o do fogo do altar e o atirou à terra. E houve trovões, vozes, relâmpagos e terremoto.

A fumaça do incensário é repleta de significados. Nesse MOMENTO DA HISTÒRIA HUMANA (abertura do sétimo selo) ele representa DEUS RECEBENDO A INTERCESSÃO da IGREJA. Talvez, TODA ELA. Ele é misturado como MUITO INCENSO. A partir deste momento começa a destruição do reino das trevas, o mundo é DESALOJADO dos habitantes ilegítimos e começa o JUIZO sobre o mundo.

Então o inesperado acontece. Após recolher a intercessão, o anjo pega a coisa sagrada, que existe desse antes que o mundo fosse criado, que jamais saiu do tabernáculo celestial. O precioso incensário, talvez o *segundo objeto* mais SAGRADO do universo (o primeiro deve ser a arca do concerto celestial), foi JOGADO FORA. É lançado na terra.

O anjo não faria essa loucura, sem estar debaixo de uma ordem. Esse TURIBULO, outro nome para incensário, simboliza a oração. Sem ele, é como se já não houvesse mais SERVENTIA para a oração. A intercessão, o mistério das orações dos homens para DEUS, TERMINA NESSA CENA. Já não serão ACEITAS. Já não serão ENTREGUES, já não servirão como INCENSO. Porque o incensário já não existe mais.

Simboliza o período onde o homem estará sozinho com ele mesmo. Em que os céus já não responderão. Até que se cumpra ao menos os tempos de JULGAMENTO. A partir dai, você verá em APOCALIPS**E o poço do abismo sendo aberto e uma COLUNA DE FUMAÇA ascendendo da terra. Como se o incensário tivesse caído na terra, fumegando ainda.**

Apocalipse 9

1	O quinto anjo tocou a trombeta, e vi uma estrela caída **do** céu na terra. E foi-lhe dada a chave do **poço** do **abismo**.

2	Ela abriu o **poço do abismo**, e subiu **fumaça do poço como fumaça de grande fornalha, e, com a fumaceira saída do poço**, escureceu-se o sol e o ar.

Ou como que se dissesse que a FUMAÇA DE INCENSO está sendo substituída pela FUMAÇA de uma fornalha.

A simbologia dos templos egípcios é cheia do numeral **3**. É interessante notar que a palavra referente à **hora** contém **três**, sugerindo sua importância na medida do tempo. Logo após o turíbulo cair na terra são proclamados "três ais (ouai)". Que também eram interjeições de dor e de pesar.

OS POÇO DO ABISMO

Locais de enterro de deuses, em especial Osíris eram tido como portas do hades egípcio, portal para o subterrâneo, para o mundo dos mortos. Eles criam estar em locais em haviam as portas da morte, as portas para o mundo dos mortos. Serão portas similares que serão abertas em Apocalipse. locais **considerados como tribunais ou portas para o Além, tais como Ábidos, Busíris, Buto, Heliópolis, Letópolis e Saqqara.**

Em Ábidos, um dos locais do suposto enterramento de Osíris e onde os primeiros reis egípcios foram sepultos, séries de estelas e cenotáfios foram erigidos.

Encantamento para fazer um shabti trabalhar para o reverenciado, o Osíris,

Os egípcios acreditavam em PORTAIS para o "inferno" ou para o mundo dos mortos. A cena evocada é a de que o incensário caiu na terra, *e quebrou as portas que trancavam os monstros do outro lado*.

As estrelas eram consideradas como seres divinos para os egípcios, filhas do deus terra e da deusa céu, que as devorava de manhã para pari-las novamente à noite. Após cair o incensário as estrelas *morrem* no céu. Jesus narra em Mateus 24:

29 Imediatamente após o tormento daqueles dias, o sol escurecerá e a lua não dará a sua luz; **e as estrelas cairão do céu**, e os poderes celestes serão estremecidos.

Os antigos egípcios reconheciam, pensavam e tratavam todos os objetos cósmicos como deuses ou deusas; o sol era adorado como Ra, a lua como Thot, o céu como Nut e a terra como Gcb. Eles viam deuses em árvores e fontes, pedras e montanhas, pássaros e feras, ar e chuva, nuvens e tempestades. Trovões e relâmpagos, fertilidade e nascimento, divindades que possuíam estranhos poderes dos quais eles não eram os senhores. O mundo, o "cosmos" era adorado.

Em Apocalipse o "cosmos" está sendo **julgado.**

E por último que sem o incensário o sacerdócio egípcio TAMBÉM é anulado. Já que não seria mais possível**..."ressuscitar" aos deuses mortos**, vivificando as estátuas sem vida. Porque o incensário CONSAGRADO...está quebrado. Os Incensários tinham que ser LEGITIMADOS pelo faraó. Porque os sacerdotes na

verdade “repartiam” os poderes investidos em faraó como intermediário entre os deuses e os homens. Isso completa a ideia do terror absoluto tanto para um sacerdote judeu, como para um sacerdote egípcio da cena apocalíptica do turíbulo. Por isso também, apesar do “hades“ quebrado apesar do mundo e do cosmos abalado, a ressurreição dos profetas ao terceiro dia, **na cidade do Egito**, sem fumaça, sem intercessão, sem incenso, sem nada...É TÃO IMPACTANTE. Até ***as três rãs***... fogem espontaneamente diante do poder divino...

VIVO PARA TODO O SEMPRE

Grande é o contraste com a apresentação que Jesus faz de si mesmo em APOCALIPSE

e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do inferno.

Os egípcios dependiam de mirra e resina (cistus labdanum) para grande parte de seu incenso, reunindo as resinosas “lágrimas” e “suor” dos deuses enquanto eles eram exsudados da casca. **Essas árvores frutíferas eram veneradas como deusas-mães**, cuja resina era descrita como sangue divino menstrual. Outros deuses também ofereciam fluidos de sustentação de vida através de casca de árvore. Ilustrações do livro dos mortos frequentemente mostram deusas como Hathor envolta em árvores, refrescando aos mortos, com um fluxo de água. Além de aparecer como um arbusto de estuque, os sinais djed de Osíris implica que ele evoluiu para um deus árvore. O feitiço 15 do Livro dos Mortos o chama de "Senhor da naret-árvore". Plutarco acrescenta que um arbusto de Urze (Urze é o nome comum de diversas plantas da família Ericaceae, particularmente dos géneros Erica e Calluna. São espontâneas em terrenos pobres em cal e com flores de cores diversas.). Plutarco diz que Isis encerrou ao caixão De Osíris até que o rei de Byblos o encontrou, desenterrou, cortou a madeira dele para usar como coluna em seu palácio. Ísis retirou o cadáver do marido de dentro do baú profanado e envolveu a urze restante, a resina que sobrou, em linho perfumado para o povo adorar. O caixão de Osíris *acompanha*, ou é representado como estando sempre junto a árvores sagradas que secretam resinas aromáticas (no processo semelhante das relíquias ou restos sagrados católicos, os famosos relicários – pequenas urnas espalhadas em igrejas seculares que afirmam conter como pedaços, partes de personagens bíblicos famosos, tal como a coroa de Jesus, os pregos da cruz, pedaços da arca de Noé, pedaços da cruz do calvário ou o mais conhecido, o santo sudário).

A fragrância flui de seu cadáver, das flores de urze, ou de mirra ou de esteva, que o cercam, e finalmente das camadas de linho perfumado. Os egípcios associavam todos os fluidos vivificantes que se infiltravam do corpo em decomposição de Osíris com as lágrimas resinosas e o suor dos outros deuses.

Os deuses principais egípcios, como Rá eram associados ao disco solar. Estas associações solares dotaram os ritos de incenso com **a magia para vivificar as estátuas dos deuses**. Os sacerdotes egípcios ofereceram simbolicamente luz do sol para seus deuses na forma do perfumado **Olho de Horus**., lembrando que os incensários QUEIMAVAM incenso, carregando em seu interior a luz de uma vela, ou uma brasa incandescente. Como o aromático suor de Amum que leva a vida a todas as divindades do cosmos, o incensário poderia respirar ou compartilhar respiração concedendo vitalidade em estátuas sem vida. O incenso transfere o calor e “odor do corpo vivo” a objetos inanimados, infundindo madeira ou metal com a umidade do “suor divino”. Libações de água ajudaram o incenso a criar

fluidos corporais para as estátuas, e os egípcios, por vezes, interpretaram as gotas de resina como as lágrimas de Isis que ressuscitaram a Osíris e ordenaram a vida, e esse choro fazia o Nilo a subir a cada ano. Como resultado, as resinas de incenso tornaram-se emblemáticas do poder que soprou a vida de volta ao deus mumificado do submundo (Osíris seria a primeira múmia, a partir dele seriam criados os ritos de mumificação). Em certo sentido, os sacerdotes egípcios consideravam seus deuses como **cadáveres necessitando ser constantemente ressuscitados.**

Os deuses do Egito estavam MORTOS

Salmo 115

4 Os ídolos deles são prata e ouro, obra das mãos do homem.

5Têm boca, mas não falam; têm olhos, mas não vêem;

6 têm ouvidos, mas não ouvem; têm nariz, mas não cheiram;

7 têm mãos, mas não apalpam; têm pés, mas não andam; nem som algum sai da sua garganta.

Tal como acontece com a fumigação do templo que assegurou ofertas "vivas" para os deuses "vivos", as qualidades vivificantes do incenso fúnebre também poderiam ser usadas para animar objetos não humanóides. Os sacerdotes realizavam a cerimônia de "Abertura da Boca" **nos escaravelhos do coração** para fazê-los dar um testemunho positivo quando o morto aparecia diante do tribunal do submundo de Osíris. Até cartuchos ou rolos podiam ter suas "bocas abertas", como em um relevo inscrito no templo. de Seti I onde Seti e seu filho oferecem incenso a **longas colunas de nomes de faraós**. Para os egípcios, que acreditavam que todo objeto possuía um espírito, o incenso podia restaurar o calor e a umidade de qualquer coisa.

Embora a resina queimada nos templos pudesse representar os corpos de vários deuses diferentes, o incenso e as libações usadas para "abrir a boca" das múmias referiam-se principalmente a Osíris. Os rituais fúnebres reencenaram dramaticamente o mito de sua ressurreição. O filho do falecido geralmente oficiava diante da múmia em imitação de Horus e sua lendária visita ao cadáver de Osíris. O deus falcão vivificado seu pai morto, oferecendo-lhe seu olho, o sinal de sua vitória sobre Seth. Da mesma forma, o filho obediente queimaria "**o cheiro do olho de Hórus"** diante da múmia para garantir o triunfo dos pais sobre a morte. Apropriadamente, uma cabeça de falcão muitas vezes aparece em alças de incensário, imagem abstrata de Hórus subindo como incenso do outro lado do incensário. Com incenso cultual, os sacerdotes ofereciam o corpo resinoso do deus ao próprio deus ou a outros deuses. A fumigação funerária ressuscitou os mortos ao administrar a resina resinosa, os ossos e o suor de Osíris à múmia, transformando o cadáver em Osíris. Durante a fumigação, a múmia aparece para "inalar" a respiração dos deuses na forma de incenso, compartilhando a respiração divina confere divindade aos mortos, um conceito descrito no Livro

dos Mortos durante a viagem noturna da barca do deus sol através do submundo aquoso: “Eu respiro o ar que sai do seu nariz, o vento norte que vem de sua mãe. Você glorifica meu espírito, você faz do Osiris minha alma divina ”. Até mesmo o léxico egípcio reflete esse simbolismo com a palavra senetcher, que significa “incenso”, derivado da palavra senetcheri, que significa “**tornar divino”….**

O cósmico contraste com “Eis que eu fui morto mas estou vivo para todo o sempre”. Em uma imagem de Seti eu fumigando estátuas de Isis, a direção angular das chamas subindo do incensário indica que o faraó direciona o incenso para os deuses soprando através do incensário.



Osíris morre e é despedaçado por Seth, por isso também, **Jesus não permitiria que nenhum de seus ossos fosse tocado**.

Quando Jesus sua sangue, no Getsêmani, o faz lembrando o SUOR DIVINO dos deuses do Egito. Que se identificavam com o mistério da INTERCESSÃO. O que será profetizado em Cantares – Irei ao outeiro de gálbano e ao monte de mirra. Cantares 4:6

"Antes que refresque o dia e caiam as sombras, irei ao monte da mirra e ao outeiro do incenso" e "Quem é esta que sobe do deserto, como colunas de fumaça, perfumada de mirra, de incenso e de toda a sorte de pós aromáticos"

Apocalipse 1.18

Eu Sou o que vive; estive morto, mas eis que estou vivo por toda a eternidade! E possuo as chaves da morte e do inferno

No cerne das religiões que veneram entidades milenares está o CORAÇÃO DA TEOLOGIA EGÍPCIA. É ELA QUE exporta SUA ESSENCIA de veneração aos mortos para grande parte do mundo da antiguidade. Suas principais divindades foram espelhadas em casas reais do passado.

As divindades da época antiga, 4000 a.C à 1200 d.C foram comuns a muitas nações. Os cultos se fundiam com sacerdócios locais, os povos "importavam" deuses estrangeiros, deuses estranhos ou exóticos de terras distantes. Babilônia, Persia, Egito, Grécia e Índia compartilharam de diversas divindades. Muitas divindades persas um dia foram hindus ou mesmo babilônicas, despidas de seus "saris" e vestidas de trajes persas. A "fusão" de religiões e a criação de novos cultos é uma característica fundamental da religião da antiguidade, e tal prática NASCERIA NAS TERRAS EGÍPCIAS. E tal característica ainda serve de base ´para muitos movimentos religiosos mágicos da atualidade. Atualmente concedem um nome simplista de "sincretismo religioso" a essa "fusão" de costumes, ritos, crenças, mas a realidade espiritual que isso traduz é muito maior que aparenta. Essa "mutação" dos deuses antigos em novas crenças, com novos rituais, realizado em novas culturas por outras famílias sacerdotais esconde uma trágica verdade, terrível constatação. Muitos "deuses" se tornaram deuses num processo de evolução. Os primeiros deuses dos povos eram seus próprios ancestrais transformados em espíritos protetores ou em fantasmas e espectros de maldade. Os ritos mortuários e a dedicação contínua de comida ou alimentação sagrada, oferendas, e a ADORAÇÃO os transmutava em seres mais poderosos, de espíritos protetores em chefes de espíritos, daí em semideuses, criaturas com poderes divinos, mas sem o status de deuses e finalmente em divindades que estavam sobre o domínio de um panteão superior ou da mais antiga delas. Na medida que os séculos passavam, os pais de um clã, os mortos mais antigos, perdiam sua ascendência humana. Perdiam a história de suas famílias originais, perdiam os laços humanos das gerações a qual pertenceram um dia, também esquecida. Os sacerdotes então criavam uma COSMOGONIA. Concediam a estas divindades uma origem divina, uma família celestial. As famílias de deuses da antiguidade possuíam histórias, onde aconteciam como na humanidade terrena, diversas tragédias. Ao olhar para a história das

divindades, sejam egípcias, babilônicas ou gregas, nós leremos nas entrelinhas histórias de paixões e de desvarios humanos, unidos a contos assombrosos e de magia, que retratavam de modo fidedigno a VIDA PALACIANA, as intrigas da família real, da antiguidade. Incesto, assassinato, luta pelo poder, rebeliões, traições, filhos ilegítimos, paixões proibidas e licenciosidade dos deuses eram um retrato do acontecia, da Joseon coreana ao palácio egípcio, da oligarquia de Atenas aos 16 reinos da Índia antiga, e também um retrato dos costumes dos antigos reinos africanos. A família real africana, de Gana à Aksum, de Mandika ao Congo, de Songhai ao Zimbábué, de Yourubá ao reino de Benin. Muitos dos deuses de milhares de nações da antiguidade foram um dia somente seres humanos, homens e mulheres mortos, de origem esquecida, desumanizados, deidificados. Isso é essencial para você compreender a opressão maligna contida em cultos de origem arcana, iniciados na antiguidade.

Os céus da antiguidade eram baseados nas casas reais da antiguidade, habitados pelos ancestrais míticos, que perdendo sua identidade se tornaram deuses. A começar de OSIRIS.

No Brasil, divindades adoradas em diversos terreiros de religião africana são baseados em VUDUM, ou VODUNS, que se originaram em espíritos de ancestrais divinizados. Mortos transformados em deuses. Vodum, vodun, voodoo ou vodu são termos que se referem aos vários ramos de uma tradição religiosa baseada nos ancestrais que tem as suas raízes primárias entre os povos Ewe-Fon do Benim, onde é, hoje, a religião nacional, com mais de 7 milhões de adeptos. Além da tradição fon, ou do Daomé, que permaneceu na África, existem tradições relacionadas que lançaram raízes no Novo Mundo durante a época do tráfico transatlântico de escravos (século XVI - século XIX) e que persistem até hoje, como o candomblé brasileiro, o vodu haitiano, a santería cubana, o vudu da Luisiana (Estados Unidos), etc. "Vodum" pode designar tanto a religião quanto os espíritos centrais nessa religião. A tradição e a cultura dos escravos jejes, ewés, fons, minas, fantes e axântis deram origem no Brasil às tradições conhecidas como:

- Candomblé jeje: teve início em Salvador e no Recôncavo baiano, nas cidades de Cachoeira e São Félix e outras, depois migrou para o Rio de Janeiro, São Paulo em maior número.

- Tambor de Mina: ficou restrito a São Luís do Maranhão com a única casa de Jeje-Mina no Brasil que é a Casa das Minas

- Xangô do Nordeste, Xangô do Recife, Xangô de Pernambuco ou Nagô-Egbá ou Jeje-Nagô: teve início na Região Nordeste do Brasil. Uma parte migrou depois para outros estados.

- Tambor do Golfo Como a origem dos Voduns é de espíritos ancestrais, suas histórias refletem também as histórias ancestrais das paixões e deturpações humanas das tradições e intrigas da vida da família mais importante num sistema

de governo baseado na monarquia da antiguidade. Na língua Yorubá, Egun tem o significado de ancestral divinizado.

As religiões da antiguidade passam por processos de sincretismo, de fusão, de mudança, de incorporação de novos sacerdócios, de novos ritos. Essa mutação é essencial para você entender que muitos deuses ancestrais, arcanos, divindades que já foram adoradas na Índia, no Egito, em Babilônia e na África, PERMANECEM HOJE SENDO ADORADAS, sob a sombra de novos nomes, de novas formas de culto, abraçadas por novas formas de sacerdócio, servidas através de novos tipos de sacrifícios, votos e oferendas. As vestes, a aparência, os atributos, os sacerdotes mudaram, mas a essência dessas divindades ou espíritos de pessoas mortas, adorados, **permanece exatamente o mesmo que possuíam quando uma sacerdotisa egípcia se curvava num templo de Hathor**.

Em Benin da antiguidade até os ossos de reis ou poderosos guerreiros vencidos em batalhas se tornavam em objetos sagrados detidos de poder espiritual. Por séculos famílias reais realizavam cultos em santuários que continham objetos fabricados a partir de crânios humanos, que se tornavam mágicos. Em Abomé, os ossos do ancestral mítico, colocados num recipiente de cerâmica e cobertos por um montículo de terra, constituem o altar do vodum Aizan (Ayizàn), responsável pela proteção da coletividade.

Relíquias sagradas, a maior parte de pedaços mumificados, pedaços de ossos, partes mumificadas, cinzas guardadas em vasos especiais, pedaços de indumentária ou objetos pessoais tidos como relicários – pertencentes a ancestrais míticos, foram trazidos ao Brasil e muitos destes são guardados em templos e sacralizados, sendo usados de modo mágico.

Ao fazer uma oferenda em uma encruzilhada, é a um espírito morto que o homem contemporâneo está concedendo dignidade.

Ao curvar-se a uma entidade, é a um usurpador que essa pessoa está se curvando. Todo espírito que ousa invocar para si domínio ou poder, posição ou adoração, desafia àquele que o verdadeiro Senhor de todas as coisas, cujo nome aterroriza a todo poder. Porque só ele possui a legitimidade de receber a adoração.

Porque está vivo. E finalmente, DESTRUINDO A MORTE, permanecerá vivo, para todo o sempre.

A ressurreição de Jesus significa que nenhum morto será jamais venerado novamente, porque sendo a partir DELE é gerada uma CASA, ele se torna o PRIMOGENITO entre seus irmãos, é ele que dará origem ao RENASCIMENTO, iniciando uma verdadeira FAMILIA DIVINA. Jesus é o ANCESTRAL de toda a família de Deus, é o primeiro a ressuscitar dos mortos e a permanecer vivo para sempre. Pelo fato de ser ETERNO, estando junto a Deus quando ele fazia todas as coisas, ele se torna ANTERIOR A CRIAÇÃO. Jesus não tem início no ventre de Maria. Ele é

ANTERIOR então ao nascimento do primeiro ser humano, estando vivo antes de sua encarnação. Sendo uma dimensão divina, o primeiro ser humano foi criado a partir DELE. Porque sem Ele, nada do que foi feito, se fez, já dizia Paulo. Significa dizer que a humanidade recebe de CRISTO parte de sua dimensão ou natureza. Ela está viva, porque foi da vontade de Cristo, que estava em Deus, que ela vivesse. É por empréstimo de seu sopro que a vida humana foi manifestada. Pode-se dizer que o primeiro ancestral humano divinizado, por mais antigo que seja, não possui nem SOMBRA da primazia de Cristo. Não só porque ele é anterior a todas as coisas. Mas principalmente, porque ele é o doador da vida, da nephesh, do folego humano, ao ser humano. Mesmo os antepassados longínquos, que se tornaram "deuses" só nasceram, só viveram e morreram, porque neles a vida, que CRISTO legou, neles habitava, os sustentava. Porque são todos, criações divinas. São todos, criações de Cristo.

Filipenses 2:6

Que, sendo em forma de Deus, não teve por **usurpação** ser igual a Deus,

Os espíritos dos antepassados divinizados tornaram-se os deuses pagãos da humanidade, tendo aprendido essa ciência perversa como os egípcios. Porém isso é USURPAÇÃO de uma posição que pertence a Jesus. Os "mortos" usurparam adoração indevida por se tornarem "deuses" em contraste que Jesus, sendo parte, dimensão de Deus, enquanto num corpo humano, agiu como se fosse um servo, de suas demais dimensões, do Pai e do Espírito. A encarnação é uma revolução espiritual sem precedentes, virando do avesso toda a religião da antiguidade. A partir da ressurreição, Jesus possui o direito de reivindicar PERFEITA adoração divina. De retomar seu lugar no coração da humanidade, EXONERANDO substitutos não autorizados, que até o dia do Julgamento, mortos permanecerão.

SOBRE O CÉU

E vi um novo céu, e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe.

E eu, João, vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido.

E ouvi uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus.

Apocalipse 21:1-3

O céu que o egípcio concebeu em sua mente de perto assemelhava-se ao Egito em relação às suas subdivisões, e suas várias cidades e distritos eram governados por deuses que **era necessário propiciar, e cuja amizade deve ser obtida a qualquer custo. O homem esperava que na próxima vida ele pudesse vagar à vontade através do comprimento e largura do céu, e a única maneira de obter esse privilégio era garantir a boa vontade dos deuses dos quatro cantos do céu** pelo recital de orações de vários tipos, e pelo desempenho de certas cerimônias, que sempre foram de um caráter mais ou menos mágico. Ser capaz de passar a seu bel-prazer ao longo do Delta oriental do céu e sem oposição pressupunha o favor de Sept e Temu; **e ter poder para beber das águas do Nilo celestial** pressupõe o favor do deus Khnemu, o senhor da ilha de Elephantine, perto do qual estavam situados, de acordo com egípcio crença, as fontes do Nilo.

Os textos de todos os períodos exibem uma ansiedade quase infantil de provar que **todo deus do Egito** está interessado no bem-estar dos seres no submundo, que já foram homens mortais, e era uma crença comum também em todos os períodos que a **mera afirmação por escrito** de que os deuses ministrariam ao falecido produziria a assistência desejada. Para desfrutar **do poder de entrar em certas cidades no céu,** o defunto era obrigado a conhecer os vários deuses ou "almas" que eram adorados neles. Assim, as Almas do Ocidente eram Tem e Sebek, o senhor da Montanha do Amanhecer, e Hathor, a dama da Noite; as Almas do Oriente eram Heru-khuti (Harmachis), o Bezerro da deusa KherA e a Estrela da Manhã; as Almas da cidade de Pe eram Horus, Mestha e If api; As Almas da cidade de Nekhen eram Horus, Tuamutef e Qebhsennuf; as Almas de Heliópolis eram Ra, Shu e Tefnet; e as Almas da cidade de Hermópolis eram Thoth, Sa e Tem.

O céu mostrado por Jesus não necessita das feitiçarias, ou de granjear a amizade através de feitiços. Não há necessidade de trabalhar, somente descansar. Não há

uma relação de escravidão ou servidão. Não há a necessidade de gravar ou escrever uma imensa lista de divindades. Não seria através do rito, da lamentação da magia ou da mágica que os lugares celestiais seriam alcançados para a humanidade. Não é necessário ir para o além, porque o próprio Deus manifestará o além para a humanidade, que também não necessitará morrer. Essa relação de proximidade e de honra não foi um ato que teve início no ser humano. Foi Deus que o propôs e é ele que demonstrou o desejo de amizade com o ser humano

Lucas 2

13 E no mesmo instante, apareceu com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais, louvando a Deus, e dizendo:

14 Glória a Deus nas alturas, apaz na terra, boa vontade para com os homens!

Essa "boa-vontade" é desconhecida pela religião egípcia. Eles jamais haviam recebido um "evangelho" um anuncio que lhes proporcionasse esperança ou alegria. Cristo é Deus anunciando paz ao ser humano, reconciliação, vida eterna sem dinheiro e sem preço. Os últimos versos de Apocalipse são um convite "aquele que tem sede venha". Para um rio que nasce no trono, numa cidade que não necessita de sol. Onde não há necessidade de comprar uma passagem, lutar pelo poder para ter direito a vida, antes receber gratuitamente poder de ter direito a vida eterna. O evangelho é a história da amizade demonstrada, doada e desejada para que não haja o rompimento final, declarado pelo Apocalipse.

Quando o turíbulo cair na terra.

Welington José Ferreira